

revista



sesc

mensal | setembro de 2022 | n° 3 | ano 29 | [/sescrevistae](https://www.instagram.com/sescrevistae) | sescsp.org.br/revistae | revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida

PALCOS POR TODOS OS LADOS | SEU CORPO EM MOVIMENTO | TRAÇOS URBANOS | LETIERES LEITE |
CLÁUDIA ABREU | LILIA SCHWARCZ | BIOPIRATARIA | CAIO GARRIDO | NATÁLIA VIANA | RANI BACIL FUZETTO



ISSN 2179907-5

00323

9 772179 907008

9–18
setembro
2022

MIRADA

13 PAÍSES
36 ESPETÁCULOS
E ATIVIDADES
FORMATIVAS
DA AMÉRICA LATINA,
ESPANHA E
PORTUGAL (PAÍS HOMENAGEADO)

FESTIVAL IBERO- AMERICANO DE ARTES CÊNICAS

WWW.SESCSP.ORG.BR/MIRADA

#FESTIVALMIRADA



PARCERIA



REALIZAÇÃO







Foto: Anna Luísa de Souza

Na transversal da cultura

Concebida pelas artistas visuais Maria Eduarda de Freitas, Lara Sotinel e Mayara Brattig, do coletivo Manifesta Arte, de Catanduva (SP), a imagem da capa desta edição faz uma releitura da obra *Operários*, de Tarsila do Amaral, e simboliza os sujeitos da cultura nacional que tiveram a existência marginalizada no cenário artístico da Semana de Arte Moderna de 1922. A intervenção visual *Na Transversal da Cultura* está exposta no Sesc Catanduva, nos muros ao redor do Espaço da Mangueira. Nos detalhes, entre as representações humanas diversas, símbolos da fauna brasileira também compõem a obra, como um casal de araras Canindé, uma onça, um mico-leão-dourado, além de plantas e sementes, como o café e a erva-mate.

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

Sesc

App Store Google Play

Download gratuito para Android e iOS

Setenta e seis anos de ação sociocultural

O mês de setembro marca o aniversário do Sesc – Serviço Social do Comércio. Criado em 1946, numa iniciativa inovadora do empresariado do setor, assume, desde o princípio, o compromisso com o bem-estar dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e de seus familiares, sem abrir mão de seu caráter ampliado e universal no atendimento de toda a comunidade. Assim, de portas abertas, constrói um vínculo permanente com seu público diverso, por meio de uma sólida ação de viés sociocultural, educativo e emancipatório, atuando nos campos da cultura, do lazer, dos esportes, do turismo, da saúde e da alimentação.

Seus centros culturais e esportivos espalhados pelo estado oferecem programações diversas que têm, por premissa, a ampliação do repertório, as trocas, a valorização das diferenças e o aprimoramento das relações interpessoais, favorecendo os encontros, desenvolvendo o pensamento crítico, alargando as referências estéticas, construindo, assim, uma sociedade mais plural e democrática. Trata-se de uma ação consistente e duradoura, que há 76 anos inspira novos pensamentos e caminhos para uma vida em plenitude, hoje e no futuro. Vida longa!

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional
do Sesc no Estado de São Paulo

Mirar de perto, ver longe

Quantas infinitas miradas nos são ofertadas pelas experiências cênicas! O teatro carrega, em sua essência, essa vivência de tempos, espaços, narrativas e personagens diversos e distintos. Perspectivas que se somam, janelas que se abrem, olhares que se cruzam e que nos promovem esse salto no desconhecido e no surpreendente. Pelas artes cênicas, nós nos enxergamos, nos descobrimos, nos reafirmamos e nos transformamos por meio desse jogo de cena ritualístico que se estrutura a partir do pacto entre artistas e plateia.

O tempo da montagem é também o tempo de uma vida: ora brevidade, ora o passar de gerações, pois o tempo da cena não é o tempo do relógio, mas o tempo da arte. Mirar pelas lentes do teatro é ampliar horizontes e contemplar os detalhes das miudezas cotidianas. É olhar para fora e para dentro, para si e para o outro, para a singularidade do individual e para a riqueza do coletivo. Miradas sem fim, alicerçadas pela liberdade e pela criatividade, que fazem do teatro esse lugar *não lugar* das experimentações.

Neste mês, o Sesc convida a apreciar, vivenciar e pensar o teatro em mais uma edição do Mirada - Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas, na cidade de Santos. E a **Revista E** traz, nesta edição, reportagem especial sobre experiências cênicas realizadas em espaços não convencionais, como ruas, galpões, hospitais. Apresentando, assim, todo o potencial de inventividade e de criação das artes teatrais. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman

Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vítor Fernandes e William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho

CONSELHO EDITORIAL

Revista E

Adriana de Souza Francisco, Adriano Ladeira Vannucchi, Adriele Duran Silva, Amanda Martins Jacob, Ana Paula Fraay, Moyses Henriques, André Luiz Santos Silva, Andrea de Oliveira Rodrigues, Andrea Matos da Fonseca, Anita de Souza Cleto, Bruna Gavioli Ramos, Bruna Zamoviec Daniel, Camila Freitas Curaca, Camile Lopes Magalhaes, Carolina Balza, Cinthya De Rezende Martins, Claudia Regina de Souza, Corina de Assis Maria, Dalmir Ribeiro Lima, Danilo Cymrot, Danny Abensur, Eduardo Santana Freitas, Eloá de Paula Cipriano, Emerson Pirola, Estevão Denis Silveira, Everaldo Inácio dos Santos, Felipe Zaballa Ventura, Fernanda Porta Nova Ferreira da Silva, Flavia Teixeira S Coelho, Francisco Oliveira Lima, Gabriela Carraro Dias, Geraldo Soares Ramos Junior, Heloisa Pinto Ururahy, Ivan Lucas Araujo Rolfsen, José Mauricio Rodrigues Lima, Juci Fernandes de Oliveira, Jucimara Serra, Julia Parpulov Augusto dos Santos, Julio Cesar Pereira Junior, Karla Priscila Vieira Carrero, Kerly Campos, Leonardo Calix Soares, Luana Liger Greve, Maria Emilia Carmineti, Maria Lucia Morgante de Miranda, Maria Rizonide Pereira dos Santos, Mariana Lins Prado, Marina Maria Magalhaes, Monique Mendonça dos Santos, Paco Sampaio, Patricia Maciel da Silva, Priscila Rahal Gutierrez, Renan Cantuario Pereira, Ricardo Carrero da Costa, Ricardo Lemos Antunes Ribeiro, Ricardo Ponzio Scardoelli, Roberta Lima Olimpio da Silva, Ronaldo Domingues de Araujo, Sheila de Sá Budney, Stephany Tiveron Guerra, Tamara Demuner, Tatiana Busto Garcia, Thais Cristina Kruse, Thais Ferreira Rodrigues, Thamyres Rodrigues de Araujo, Thiago de Oliveira Machado, Valeria Mantovani de Andrade Alves, Vanusa Soares Souza

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

Editores Executivos: Adriana Reis Paulics • **Direção de Arte e Diagramação:** Ariane Ramos de Azevedo • **Ilustrações:** Luyse Costa • **Edição de Textos:** Adriana Reis Paulics e Maria Julia Lledó • **Revisão de textos:** Pedro P. Silva • **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Luna D'Alama, Manuela Ferreira e Maria Julia Lledó • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis Paulics, Guilherme Barreto e Marina Pereira • **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro • **Arte de Anúncios:** José Gonçalves Júnior • **Supervisão Gráfica:** Rogério Ianelli • **Finalização:** Ariane Ramos de Azevedo • **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Adriana Reis Paulics MTB 37.488

A **Revista E** é uma publicação do **Sesc São Paulo** sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social**.

Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:
sescsp.org.br

SUMÁRIO

18



Foto: Guio Muniz

TEATRO

Espectáculos cênicos criados para espaços não convencionais fomentam novas narrativas e conexões com o público.

12



Foto: Adriana Vichi

ENTREVISTA

A historiadora e antropóloga LILIA SCHWARCZ levanta reflexões sobre Independência do Brasil, Semana de Arte Moderna e Lima Barreto.

26



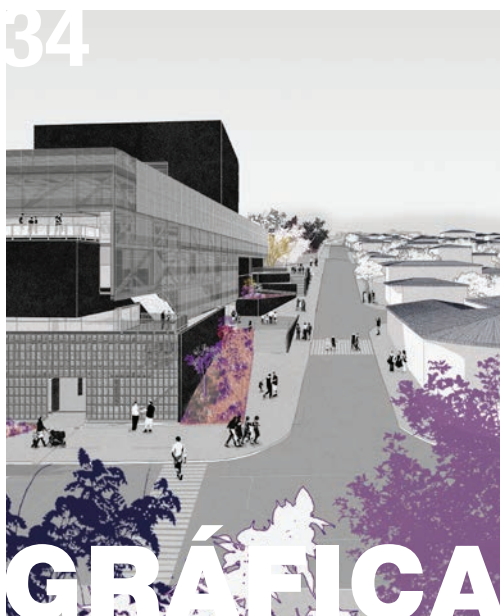
Foto: Tiago Souza

PERFIL

O pioneirismo e o legado do maestro, multi-instrumentista e educador baiano LETIERES LEITE, que brilhou ao redimensionar os ritmos afro-brasileiros.

34

Desenho: SMA



GRÁFICA

Na COLEÇÃO ARQUITETOS DA CIDADE, projetos refletem desafios dos grandes centros urbanos.

76

Arquivo: Templo Zu Lai



ALMANAQUE

Em meio à “selva de pedra” paulistana, ou próximo dela, há espaços que convidam a meditar, descansar e RELAXAR.

54

Foto: Freepik



ESPORTE E ATIVIDADE FÍSICA

A importância da busca por atividades físicas que dialoguem com as particularidades, gostos e desejos de cada praticante.

9 DOSSIÊ

58 EM PAUTA
BIOPIRATARIA: HISTÓRIA E PERSPECTIVAS

64 ENCONTROS
NATALIA VIANA

68 DEPOIMENTO
CLÁUDIA ABREU

72 INÉDITOS
CAIO GARRIDO

80 P.S.
RANI BACIL FUZETTO

3º ENCONTRO INTERNACIONAL

Nós tantas outras

Fortalecendo Redes
de Meninas e Mulheres

8 a 24 de setembro

Encontros e formações buscam fortalecer o trabalho de mulheres e coletivos que atuam para a equidade de gênero e na defesa dos direitos humanos.

Programação 100% online e gratuita

Live de abertura

Fortalecendo Redes de Meninas e Mulheres

08.09 | 19h

Assista em youtube.com/sescsp

Encontros e Ações Formativas

Inscrições abertas a partir de 01.09

Programação completa

sescsp.org.br/nostantasoutras

FLORESCER TRADIÇÕES

QUARTA EDIÇÃO DO PRIMAVERAS PERIFÉRICAS CELEBRA BOAS PRÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS E CULTURAIS PROTAGONIZADAS POR INDÍGENAS, QUILOMBOLAS E CAIÇARAS

N o mês em que as flores desabroçam, o Sesc Itaquera se enfeita com as pétalas do Primavera Periféricas. Realizado de 10 a 18/09, esse projeto de cunho educativo, artístico e cultural busca potencializar a ação transformadora das periferias por meio da valorização de boas práticas e iniciativas socioambientais. Inspirado em feitos históricos que geraram transformação social, como a Primavera dos Povos (1848), a Primavera de Praga (1968) e a Primavera Árabe (2010 a 2012), o nome dessa ação propõe um novo significado à palavra *primavera*, que vira sinônimo de movimento em favor das pessoas, da liberdade e do bem-estar social.

“O Primavera Periféricas visa identificar nos territórios periféricos atores, organizações, movimentos, coletivos, instituições, bem como experiências transformadoras da realidade, considerando princípios éticos, solidários e sustentáveis, e que, de alguma maneira, possam intervir nesse território no sentido de valorizar e potencializar essas ações em conjunto com

“O PRIMAVERAS
PERIFÉRICAS
VISA IDENTIFICAR
EXPERIÊNCIAS
TRANSFORMADORAS
DA REALIDADE,
CONSIDERANDO
PRINCÍPIOS ÉTICOS,
SOLIDÁRIOS E
SUSTENTÁVEIS”

**AMANDA MARTINS
JACOB,**

Agente de educação ambiental
do Sesc Itaquera

a comunidade local”, explica Amanda Martins Jacob, agente de educação ambiental do Sesc Itaquera.

Nesta quarta edição, que tem como tema “(Re)viver tradições”, a unidade da Zona Leste se inspira nas manifestações culturais de populações tradicionais e de povos originários, realizando uma série de ações que valorizam os saberes e fazeres de indígenas, quilombolas e caiçaras. Entre os destaques da programação, uma mostra de iniciativas culturais e socioambientais, com expositores de todo o Estado; o bate-papo *Sem povos não há floresta*, com Sônia Guajajara, Ditão (do quilombo Ivaporanduva) e a liderança caiçara Adriana de Souza Lima; e o show *Ciranda sem fim*, com Lia de Itamaracá, entre outras vivências, intervenções artísticas e oficinas.

Confira a programação completa em:
www.sescsp.org.br/primaverasperifericas

Foto: Yllo Barreto

A pernambucana Lia de Itamaracá participa do projeto Primavera Periféricas com o show *Ciranda sem Fim*, no dia 11 de setembro.



FAUSTO NA TRAVESSIA BRASILEIRA

Diz a lenda que Fausto, doutor em alquimia, astrologia, magia e vidência, fez um pacto de sangue com o diabo. Em sua incessante sede por conhecimento, entregou a alma a Lúcifer e partiu numa travessia pelo mundo. Depois de ter sido contado pelo dramaturgo inglês Christopher Marlowe (1563-1592), em sua *A Trágica História do Doutor Fausto* (1589), esse popular relato medieval ganha uma versão contemporânea pelas mãos de José Celso Martinez Corrêa e Fernando de Carvalho. Diretor e codiretor, respectivamente, traduziram e adaptaram o texto original para a montagem do espetáculo *Fausto*, em cartaz no Sesc Pinheiros até 11/09. Com um elenco de atores e músicos, como Ricardo Bittencourt (Fausto) e Leona Cavalli (Mefistófeles), a tragicomédia inglesa é antropofagizada pelo teatro brasileiro, numa montagem que pincela temas sobre multiversos, virtualidade da alma e ética. Saiba mais: www.sescsp.org.br/pinheiros



Foto: Ricardo Ferreira

NARRATIVAS BRASILEIRAS

No bicentenário da Independência, autores, críticos, ensaístas e historiadores se reúnem no ciclo *Diversos 22: Tal Brasil, Qual Romance?* para pensar narrativas brasileiras a partir do encontro entre literatura e história. Está em debate a produção que, na cena contemporânea, atualiza e renova a tradição literária ao tratar de questões históricas, sociais e culturais no decorrer dos dois últimos séculos. Organizado por Schneider Carpeggiani e Joselia Aguiar, o ciclo se utiliza do título de uma obra publicada quatro décadas atrás pela crítica literária Flora Sussekind, que buscava problematizar a própria ideia de uma identidade nacional como homogênea e indiscutível. O curso online acontece no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo – CPF, de 27/09 a 1º de novembro, às terças, das 19h às 21h. Confira: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/>.



Estúdio Rahimboca

LUGARES DE MEMÓRIA

Interessados em refletir sobre o patrimônio cultural dos povos originários do Brasil e do continente africano podem participar, de 14 a 16/09, do ciclo de conversas *Lugares de Memória Negro-Indígena*, realizado no Sesc Consolação e no Centro Universitário Maria Antônia, em parceria com o Instituto Tebas. Esta atividade visa ampliar a discussão iniciada pelo *Inventário dos Lugares de Memória do tráfico atlântico de escravos e da história dos africanos escravizados no Brasil*, organizado pelo Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense (UFF), em parceria com o Comitê Científico Internacional do projeto *Rota do Escravo: Resistência, Herança e Liberdade*, da Unesco. Com o objetivo de produzir subsídios teóricos e práticos para um inventário da memória negro-indígena, o ciclo reunirá profissionais do mundo acadêmico, artistas e estudantes, como Mônica Lima, Milton Guran, Aline Kayapó e Mestre Lumumba dos Tambores. Saiba mais: www.sescsp.org.br/consolacao.

ALÉM DA BOCA

De 1º a 11/09, o Sesc São Paulo realiza uma série de ações educativas que promovem o debate sobre saúde bucal e autocuidado para além de dentes, língua e saliva. Baseado no conceito de bucalidade, o projeto *Boca, pra que te quero?* reúne uma programação de atividades com pesquisadores, artistas e especialistas de diversas áreas para refletir sobre as nossas relações tendo a boca como um território capaz de conectar o sujeito com o mundo. Consulte a programação: www.sescsp.org.br/boca.



Foto: Renato Parada

“A água guarda memória, a água é um veículo, a água é uma máquina do tempo”, descreve a artista visual Aline Motta, autora da instalação *Máquina Kalunga*, no Sesc Belenzinho. Quem passa pelo átrio da unidade se depara com fotografias e projeções que se relacionam com rios, cachoeiras e mares, em diálogo com o reflexo da piscina do Sesc Belenzinho, visível sob o chão de vidro que a cobre. A mostra fica em cartaz no espaço até 11/12. Confira: www.sescsp.org.br/belenzinho

AS RAÍZES DO HIP HOP

Comemorado anualmente em 6 de agosto, escolhido como o Dia do Rap Nacional, a cultura *hip hop* domina a programação do Sesc Campo Limpo até o fim deste mês. O especial *Hip Hop – Resistência e Filosofia das Ruas* propõe uma retrospectiva do movimento, dos anos 1980 até hoje. Shows, bate-papos, exibição de filmes e oficinas fazem parte da programação que conta com nomes como Thaíde, Nelson Triunfo, Eliane Dias, GOG, Katú Mirim e Monna Brutal (FOTO). No dia 10/09, o público poderá participar da oficina *Palavra, Rima e Beatbox*, com Marcelo Gugu e Mautari. A atividade conta a história do movimento e como o *hip hop* dialoga com questões de gênero, machismo e racismo. Veja a programação completa: bit.ly/hiphop-campolimpo.



Foto: Sérgio Fernandes



Rever a História

NO MÊS DO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA, ANTROPÓLOGA E HISTORIADORA FALA SOBRE A IMPORTÂNCIA DE INCLUIR OUTRAS NARRATIVAS E PROTAGONISTAS NA HISTÓRIA OFICIAL

“Independência ou morte”, teria bradado o príncipe regente, dom Pedro I (1798-1834), no dia 7 de setembro de 1822, às margens do rio Ipiranga, em São Paulo. Esse episódio ficou marcado na história como o momento da fundação do Brasil e imortalizado na tela de Pedro Américo (1843-1905), conhecida popularmente como *O Grito do Ipiranga*. A obra, no entanto, é de 1888, quase sete décadas depois. Mesmo assim, tornou-se o retrato utilizado nos livros de história para ilustrar a data oficial da Independência do Brasil, cujo bicentenário, neste ano, coloca outras perspectivas em foco. A imagem é o ponto de partida do mais recente livro da antropóloga, historiadora e escritora Lilia Schwarcz, professora titular no departamento de antropologia da Universidade de São Paulo (USP) e da *Global Scholar*, na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Em *O sequestro da Independência – Uma história da construção do mito do Sete de Setembro* (Companhia das Letras, 2022), escrito em parceria com os pesquisadores Carlos Lima Junior e Lúcia Klück Stumpf, Schwarcz propõe uma revisão da narrativa perpetuada nos últimos séculos. Nele, a pesquisadora nos convida a investigar o passado a fim de compreendermos nosso presente.

Valendo-se de documentos históricos, a antropóloga e historiadora reflete sobre as raízes do autoritarismo, da desigualdade social e econômica, do racismo e de outras mazelas da sociedade brasileira. Nesta *Entrevista*, ela fala sobre a Independência em toda sua pluralidade; analisa a Semana de Arte Moderna, que neste ano completa seu centenário; e enfatiza o reconhecimento tardio do escritor Lima Barreto (1881-1922), que se destacava de outros literatos da época por apontar o racismo.

Diante do bicentenário da Independência, “que não foi revolucionária, tampouco romântica”, como você já disse em entrevistas, em que momento estamos no processo de reavaliação desse episódio histórico?

Eu acho que a historiografia brasileira tem avançado muito no sentido de destacar que [a *Independência*] foi conservadora. Trabalho isso no livro *O Sequestro da Independência*. A historiografia tem destacado como essa é uma versão muito sudestina – a nossa história é muito sudestina, ainda. Estamos vivendo um descompasso entre as pesquisas historiográficas e a maneira como o governo vem buscando o seu lugar nesta batalha. Porque, enquanto o governo tem uma avaliação, e traz uma imagem muito conservadora da Independência – uma independência dos fortes, dos homens, dos europeus –, a historiografia tem ido em outra direção. Primeiro, no sentido de questionar o que é chamado de “o mito da Independência”, dessa independência tão pacífica. E ela foi, de fato, um golpe das elites do Rio de Janeiro. Em que sentido? Primeiro por evitar que o território fosse desmembrado, a exemplo do que havia ocorrido no resto da América Latina. Segundo, por evitar que o *status quo* das elites fosse minimamente alterado, então, era preciso manter o modelo da monocultura. E por fim, não diminuir em nada o fornecimento de mão de obra escravizada. Tanto que a primeira colônia que aceita a Independência do Brasil é Angola, porque era uma forma de manter o fluxo contínuo de africanos e africanas escravizados perversamente. A historiografia tem mostrado quão conservadora foi a Independência, pensando nos termos do século 19, porque nós criamos uma anomalia política: um império cercado de repúblicas por todos os lados. A historiografia também tem mostrado como a gente precisa falar em independências, assim, no plural. E, por fim, tem mostrado que a independência é um processo: ela não começa nem se encerra no 7 de setembro de 1822. Ela começa muito antes, com as inconfiabilidades mineira, baiana, e termina muito depois, com a



Editora Companhia das Letras/Divulgação

Confederação do Equador, em 1824, por exemplo, quando as províncias do Nordeste se uniram para lutar contra o Rio de Janeiro, contra a monarquia. Eu também lembraria a Revolta dos Malês (em 1835), que encerra todo um ciclo na Bahia, mas que abre outro para o Brasil. Ou seja, quem são esses sujeitos políticos que são constantemente silenciados e negados?

Quando você fala no “mito do Sete de Setembro”, também pensamos no mito fundador do Brasil, criado a partir de um concurso realizado nos anos 1840 e no qual venceu a versão de um naturalista alemão, que disse ser o Brasil um paraíso escolhido por Deus. Por que temos essa necessidade de fabricar mitos?

Em primeiro lugar, eu gostaria de falar que penso o mito numa perspectiva antropológica, e a gente tem usado, atualmente, mito como mentira. Penso que, na verdade, o que o mito faz é falar a verdade, falar das contradições fundantes da nossa nacionalidade e, por isso, ele funciona em espiral. Ele vai sendo produzido até que a contradição que o fundamenta cesse. Esse primeiro concurso a que você se refere é o concurso feito pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) com a ementa: “Como escrever a história do Brasil”. E que nós podemos trocar

por: “Como inventar uma história para o Brasil”. O concurso foi ganho por um estrangeiro, Phillip Von Martius, que trabalhou com a metáfora dos rios. A ideia dele é de que o Brasil era formado por três grandes rios: um grande rio branco, um rio menor, que era o rio negro, e um rio ainda menor, que era o rio indígena. Muita gente diz que essa já é uma metáfora sobre miscigenação positiva no Brasil. E a

gente pensa sempre em miscigenação como mistura e não como diferença. O que aconteceu na narrativa do Von Martius? Os rios indígenas e negro não só eram muito menores, como também eram afluentes e desaguavam no rio branco. Essa metáfora da mestiçagem redentora vai ser reproduzida *ad infinitum*. Vemos em Gilberto Freyre, vemos no próprio Mário de Andrade, que usa a mesma metáfora em *Macunaíma* (1928), só que sob outra perspectiva. Essa ideia do mito, portanto, não fala da questão da contradição fundamental brasileira, que é a questão racial. Não à toa, na tela de Pedro Américo – *Independência ou Morte* –, a versão vencedora não é a versão com negros, mas sem negros porque não se podia falar dessa questão em 1888.

TODO MUNDO PENSA QUE
O HISTORIADOR LEMBRA,
MAS NÃO É POSSÍVEL
LEMBRAR SEM ESQUECER



Independência ou Morte, de Pedro Américo (1888).

A imagem da Independência é o nosso mito fundador. E o que é essa imagem que vingou? É a imagem de uma independência com um protagonista, um príncipe, que é diferente dos brasileiros e que vem nos dar a liberdade. A pergunta é: alguém pode dar um direito? É um mito fundador em que sentido? É que a versão forte, que é a versão do 7 de setembro, é essa versão de um Brasil ordeiro, pacífico, sem conflitos. Então, o mito produz narrativas que falam muito e narrativas que esquecem muito. A historiografia é isso: todo mundo pensa que o historiador lembra, mas não é possível lembrar sem esquecer.

Em seus livros e em seu perfil nas redes sociais, você tem utilizado várias imagens de obras de arte históricas, reforçando a importância de considerarmos essas imagens documentos históricos, e não ilustrações. Estamos aprendendo a ler imagens sob esse viés?

Eu tenho uma “missão” com as imagens. Mesmo na minha área, eu diria que os cientistas de humanas, de uma forma geral, nós somos sofisticados para lidar com o documento escrito – a gente quer saber

a autoria, o contexto etc. –, e não somos assim sofisticados para lidar com o documento imagético. Tanto que, muitas vezes, nós colocamos as imagens naquela parte que chamamos de “anexo”. O que é o anexo? Se a gente pensar friamente, é uma parte do livro que se você quiser, você vai ler por sua conta e risco. E, se você não quiser, não lê. Ou, então, a gente coloca as imagens como ilustrações e “ilustração” vem do verbo lustrar, ou seja, dar um lustre. E dar um lustre não é fazer nada de estrutural, é apenas fazer algo ficar “mais bonitinho”. Eu penso que as imagens são documentos muito fortes. Não poucas vezes, as imagens não são consequências, são causas. Então, nesse livro *O Sequestro da Independência*, em que a gente analisa no laço a tela do Pedro Américo *Independência ou Morte*, essa é uma tela que não deveria aparecer como aparece nos livros didáticos, como o início do Império. Ela tinha que aparecer no ocaso do Império porque ela é uma encomenda de filho para pai. Na verdade, Dom Pedro II quer recuperar a imagem do pai, Dom Pedro I, que caiu na nossa popularidade. Pedro Américo é quem se oferece e responde totalmente às necessidades da Comissão do Ipiranga, junto com a monarquia.

O que ele faz? Ele cria uma tela baseada em outra tela do artista francês Jean-Louis Ernest Meissonier (1815-1891), uma que retrata Napoleão Bonaparte. Pedro Américo publica um livro no momento em que ele inaugura a tela, em Florença, um texto incrível, bilíngue (português e italiano) em que diz, claramente: “A realidade inspira, e não escraviza o pintor”. Nesse livro, ele explica que sabia que Dom Pedro não estava num cavalo, mas num burro, e que isso não ficava bem, que o cavalo engrandecia a pessoa. Ele também sabia que o terreno do Ipiranga era plano, mas que era preciso elevar o terreno. Ao fim, ele disse: “Em nome da nacionalidade, eu sacrifico a geografia”. É muito interessante ver esse exemplo, porque fica evidente como a tela, nesse caso, produz o nosso imaginário de tal forma que quando Carlos Coimbra vai fazer o filme *Independência ou Morte*, em 1972 (quando se celebrou os 150 anos da Independência, durante a ditadura militar), ele fala que se pautou na tela de Pedro Américo, senão ninguém ia achar que aquela era a realidade. É bem interessante mostrar como as telas produzem realidades. Muitas vezes, a gente imagina que viveu uma coisa. Como a gente vive nesse século de imagens, é preciso que a gente aprenda a lê-las.

Neste ano, em que também celebramos o centenário da Semana de Arte Moderna, como os modernistas em São Paulo fizeram com que outras narrativas ficassem de fora?

Mário de Andrade, sobretudo, fará uma crítica radical. Ele, inclusive, chega, mais à frente, a lamentar a Semana. Mas, nós não podemos negar que a nossa historiografia, a nossa história da arte, a nossa história da literatura é profundamente colonial, masculina e sudestina. Então, se nós não podemos culpabilizar apenas os integrantes da Semana de 1922, é preciso chamar atenção para como foi criada uma monumentalização da Semana de 1922, e isso é inegável. Quando isso ocorre, é preciso que a gente também discuta a própria historiografia, a própria monumentalização. E na minha interpretação, se nós não podemos saber o que aconteceria – porque

O CANCELAMENTO DA SEMANA NÃO FUNCIONA, TAMPOUCO É O CASO DE A DERRUBARMOS, MAS, SIM, DE ACRESCENTARMOS OS OUTROS MODERNISMOS

a história do “e se” não existe, como dizia o famoso Conselheiro Aires, personagem sensacional de Machado de Assis, “as coisas só são previsíveis quando já aconteceram” –, o que sabemos é que os modernistas criaram uma régua e um compasso. Senão eles, as gerações futuras. O cancelamento da Semana não funciona, tampouco é o caso de a derrubarmos, mas, sim, de acrescentarmos os outros modernismos. E colocar em contexto é também

colocar em escala o que fizeram os modernistas paulistanos que, sem dúvida, chamaram para São Paulo a vanguarda da vanguarda (de outras partes do Brasil). Me parece muito oportuna essa crítica a essa produção sudestina da nossa história. Eu acho que no que se refere à Independência, houve um sequestro de São Paulo, e no que se refere à Semana de 1922, há também uma espécie de sequestro. Sequestro no sentido daquilo que você retira, do que você coloca na luz e do que você retira da luz. Eu penso que é bem-vinda essa discussão porque

ela não se refere exclusivamente aos personagens da Semana, mas ela se refere, sobretudo, às camadas de memória, aos espaços de memória que foram sendo construídos.

A biografia *Lima Barreto: Triste visionário* (Companhia das Letras, 2017) tomou mais de dez anos de sua vida, ganhou vários prêmios e reforçou a importância desse autor que foi criticado pelos modernistas de São Paulo e teve sua obra ameaçada de cancelamento. Em novembro, inclusive, completam-se cem anos da morte do escritor. Por que precisamos tanto falar especialmente hoje sobre Lima Barreto?

A gente sabe que a Semana de 1922 teve uma importância muito grande, que foi uma reação ao centenário da Independência. Ou seja, o centenário “seria a sombra e a Semana, o pássaro”, nas palavras de Padre Vieira. E a gente sabe, também, que a Semana foi realizada em São Paulo, mas que não existiria sem personagens que eram cariocas, pernambucanos, mineiros etc. Lima não foi convidado para participar da Semana, mas ele era uma figura conhecida, tanto que foi convidado

NÃO ME PARECE UMA COINCIDÊNCIA QUE LIMA BARRETO ESTEJA VOLTANDO AGORA, PASSADOS TANTOS ANOS, QUANDO ESSAS QUESTÕES DE DIREITO CIVIL, QUE ELE FALAVA COM TANTA PROPRIEDADE, SÃO QUESTÕES DA NOSSA CONTEMPORANEIDADE

por Sérgio Buarque de Holanda para resenhar a *Klaxon*, que é a revista dos modernistas paulistanos. Ele escreveu – bem ao jeito de Lima Barreto, despachado –, que não gostou de nada, que o nome lembrava buzina, que lembrava modernidade, que os paulistanos estavam com uma mania de futurismo, que isso aí não combinava com o Brasil, que eles eram estrangeirados, e terminava dizendo: “Mas, eu desejo tudo de bom para os rapazes paulistanos”. Claro que os rapazes paulistanos não gostaram e deram uma resposta de salto alto para Lima Barreto na *Klaxon*, só que anônima, chamando-o de “um tal de Lima Barreto”, desmerecendo-o, dizendo que ele era um intelectual da província, que ele não conhecia aqueles textos. Quando estudei a biblioteca de Lima Barreto, vi que ele lia em espanhol, italiano, alemão, francês e em inglês, que tinha uma visão supercontemporânea, tanto que foi chamado pra resenhar a revista. O que aconteceu, e eu espero – todo pesquisador pode ter uma esperança, né? – é que o Lima Barreto não tenha lido essa resposta. Porque ele faleceu no dia primeiro de novembro de 1922. Mas, o que eu percebo, como pesquisadora, é que o modernismo, que foi bastante revolucionário nos anos 1920, virou mais reacionário a partir do momento em que se torna cânone [*regra, preceito, norma*] nos anos 1930. Estou falando uma coisa que o próprio Mário de Andrade faz a crítica anos depois: o modernismo se acomoda e cria essas categorias de “pré-moderno”. E eu chamo a atenção para o fato de que “pré” é aquele que não foi e aquele que não será.

Tanto que é nessa categoria que colocam Lima Barreto.

Sim. Lima Barreto foi colocado junto a autores que ele não gostava, como Euclides da Cunha e Coelho Neto, que ele costumava dizer que iria “coelhinizar” o Brasil, e iria distribuir uma série de colunas gregas pelo



Foto: Heli Goes

O ator Hilton Cobra no espetáculo *Tragam-me a cabeça de Lima Barreto*, que esteve em cartaz no Sesc 24 de Maio, no mês de agosto.

Rio de Janeiro e Brasil afora. Lima não fazia o mesmo tipo de literatura. E essa ideia de pré-moderno ficou grudada nele durante muito tempo. Quem vai tirar Lima Barreto desse limbo é Francisco de Assis Barbosa, nos anos 1950, quando ele não só faz a biografia do Lima [*A vida de Lima Barreto*, de 1952], como também republica Lima Barreto, que estava totalmente esgotado e que ninguém conhecia. Mesmo assim, demorou porque, na minha opinião, Lima Barreto era muito à frente do seu tempo. Ele chamava atenção, por exemplo, para como a nossa república não era uma república inclusiva, e isso no começo do século 20. Ele chamava atenção para uma elite que tinha mania de Paris. Ele clamava por democracia e falava do racismo brasileiro no momento em que se dizia: “Este é um tema desagradável”. Ele falava de temas que são tabus da nossa nacionalidade. Por isso, não me parece uma coincidência que Lima Barreto esteja voltando agora, passados tantos anos, quando essas questões de direito civil, que ele falava com tanta propriedade, são questões da nossa contemporaneidade. Essa ideia de repactuar a democracia, de reinaugurar a república, eram questões que Lima Barreto falava com muita clareza, muita propriedade e muita firmeza. ■

*Esta *Entrevista* também contém trechos de falas da antropóloga, historiadora, professora e escritora Lília Schwarcz no encontro *Entre Três Brasis* (1822, 1922 e 2022), pelo Seminário Brasis – Territórios Dissonantes, realizado em junho, no Sesc Pinheiros; e da aula *Coragem em tempos de república*, pelo Ciclo Mutações, realizado no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo - CPF, em agosto.

Palcos por todos os lados

ESPETÁCULOS CÊNICOS CRIADOS PARA ESPAÇOS
NÃO CONVENCIONAIS FOMENTAM NOVAS
NARRATIVAS E CONEXÕES COM O PÚBLICO



Cena do espetáculo *BR-3*, do Teatro da Vertigem,
encenado no Rio Tietê.



Foto: Nelson Kato

“ Já começou?”, pergunta uma senhora de chapéu, ao meu lado, num apartamento nas redondezas da Avenida Paulista, em um sábado ensolarado de setembro, em 2015. Começo a me indagar se os anfitriões que nos receberam – tínhamos à mão os ingressos da peça *Orgia ou De Como os Corpos Podem Substituir as Ideias* –, seriam atores à paisana. Sim. Teria início, a partir dali, a montagem criada pelo Teatro Kunyn, costurada por memórias do dramaturgo argentino Tulio Carella (1912-1979), quando passou um período no Recife como professor da Universidade Federal de Pernambuco, nos anos 1960. Aos poucos, compreendemos que fazemos parte da cena, como *voyeurs*. Seguimos o personagem em suas ações, do apartamento até o Parque Trianon, imersos. É como se uma parede entre artistas e nós, público, fosse derrubada, e nesse momento, o palco estivesse por todos os lados.

Segundo o diretor e produtor austríaco Max Reinhardt (1873-1943), não existe uma forma de teatro que seja a única realmente artística. “Vocês podem fazer os bons atores representarem hoje num celeiro ou num teatro e amanhã num botequim”, defendeu.

As artes cênicas, portanto, não se restringem apenas ao tradicional palco italiano. Pelo contrário, transbordam para uma rua, para um hospital, para uma escola, para um apartamento. “Sobre o espaço teatral que extrapola as convenções da caixa cênica ao tomar espaços ordinários, não teatrais, em espaços cênicos, essa operação lança a linguagem teatral contemporânea num campo semântico que, longe de ser reducionista, expande as fronteiras da teatralidade e das relações entre atores e público”, afirmam os pesquisadores José Jackson Silva e Walter Lima Torres Neto, no artigo “Considerações sobre o conceito de site-specific no teatro brasileiro”, publicado na revista *Urdimento*, em agosto de 2020.



Foto: Jonatas Marques

No Parque Trianon, público segue os passos dos atores Paulo Arcuri, Luiz Gustavo Jahjah e Ronaldo Serruya, do Teatro Kunyn, durante a montagem cênica *Orgia ou De Como os Corpos Podem Substituir as Ideias*, em 2015.

BORRAR FRONTEIRAS

Foi a partir da década de 1960 que grupos e artistas no Brasil se permitiram criações cada vez mais ousadas em espaços não convencionais. A exemplo do argentino Victor García (1934-1982), que encenou o texto *Cemitério dos automóveis*, de Fernando Arrabal, em 1968, num galpão onde funcionava uma oficina mecânica na cidade de São Paulo. Ou Zé Celso Martinez Corrêa, que dirigiu montagens do Teatro Oficina em fábricas, fazendas, rios e outros locais “alternativos” a partir dos anos 1970. De lá para cá, são inúmeros os trabalhos pensados para serem apresentados em espaços ditos não teatrais. Cada qual adaptado para o contexto social, econômico e cultural em que encenados.

No caso do grupo paulista Teatro da Vertigem, seu início, em 1992, foi marcado pelo espetáculo *O Paraíso Perdido*, na Igreja Santa Ifigênia, no centro da capital. O diretor artístico do grupo, Antônio Araújo, explica que, no caso do Vertigem, a escolha do espaço chega num momento posterior à criação do projeto. “Em *O Livro de Jó* (1995), a gente não sabia que seria num hospital, da mesma forma que em *BR-3* (2006), não sabia que seria no rio Tietê. Para o *Bom Retiro 958 Metros* (2012), a gente ficou muito tempo fazendo improvisações na rua, visitando o bairro até chegar à conclusão de que não seria em um lugar, mas num trajeto. Acho que uma característica do grupo é deixar que o próprio projeto, a discussão e a problematização tragam a ideia do espaço que irá dialogar melhor com eles”, conta.

Entre prós e contras de encenar fora do tradicional palco, o diretor faz ponderações. “Muitas vezes, você precisa criar um aparato teatral para um lugar que não tem. Mesmo quando se usa um material local, a exemplo de *O Livro de Jó*, no qual Guilherme Bonfanti, iluminador do grupo, utilizou luminárias do hospital. Precisamos colocar essa luz numa mesa e dimerizá-la. Por outro lado, você ganha outras dimensões. *Apocalypse 1,11* (2000) foi encenado no presídio onde houve o massacre do Carandiru. Esse lugar tem uma história, uma memória impregnada nas paredes e isso chega para o espetáculo”, ressalta o diretor, que também é professor no Departamento de Artes Cênicas e no Programa de Pós-Graduação (PPGAC) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

DE ONDE EU FALO

A apropriação de determinados espaços para a realização de uma narrativa cênica também está associada à história e aos elementos que compõem tal lugar. Não é mero acaso. O local escolhido também é personagem. Esse é o caso da peça *Vila Parisi*, do Coletivo 302, criado em 2014, e formado por sete artistas de Cubatão (SP). “Quando a obra está engajada em dialogar com o seu entorno,

“É PENSAR NÃO SOMENTE O ESPAÇO EM SI COMO UMA DRAMATURGIA, MAS TAMBÉM PENSAR OS CORPOS E COMO ESSES CORPOS SE RELACIONAM E OCUPAM OS ESPAÇOS”

(SORAYA MARTINS, PESQUISADORA E CRÍTICA TEATRAL)

levando em consideração não somente suas características estéticas ou estruturais, mas trazendo detalhes que podem ser inseridos em diversas camadas da criação artística, é muito provável que tenhamos um encontro mais próximo entre aqueles que criam e aqueles que experienciam mutuamente”, conta o performer e iluminador do coletivo, Lípuri.

Nesse espetáculo, por exemplo, que faz parte da programação do Mirada – Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas [*confira o boxe **Mirar diversidades***], “é possível escutar o barulho da indústria e sentir o cheiro dela, partindo para fruições mais sinestésicas, onde é possível sentir junto todos os vetores que atravessam a criação, onde nada ali pode ser apenas fruto da imaginação dramática”, destaca Lípuri. A partir dessa experiência, o Coletivo 302 também busca ressignificar a construção do imaginário sobre a cidade onde atua.

Como resultado, complementa o performer, “as paisagens urbanas escolhidas exercem muito mais que a função de uma cidade que compõe cenograficamente uma obra; elas despertam sentidos para além da tridimensionalidade”. Elas ainda evocam, segundo o artista, “a possibilidade de estabelecer uma experiência imersiva que, por conta própria, conta através de suas construções e formações geográficas aquilo que convencionalmente não pode ser acessado dentro de um espaço clássico para apresentação de um espetáculo teatral”.

Para a pesquisadora, curadora de festivais e crítica teatral Soraya Martins, ocupar espaços não convencionais pode quebrar paradigmas. “É a possibilidade de fissurar as fronteiras hierárquicas estabelecidas, que definem os espaços propícios para se realizar uma peça e que, muitas vezes, não recebem da mesma maneira a variedade e singularidade dos corpos que compõem nossa sociedade”, acredita. Pensar em palcos plurais, conclui a pesquisadora, “é pensar não somente o espaço em si como uma dramaturgia, mas também pensar os corpos e como esses corpos se relacionam e ocupam os espaços, isto é, uma possibilidade de estreitar a relação entre arte, pertencimento, acesso e subjetividades.”



Foto: Denisson Alves

A farsa dos opostos, Grupo Imbuuçã.

TEATRO DE RUA

Até o final do século 19, as festas populares e religiosas foram os espetáculos de rua de maior importância nas cidades brasileiras, segundo artigo do pesquisador e doutor em teatro André Carreira, no livro *História do Teatro Brasileiro, volume 2 – Do Modernismo às tendências contemporâneas* (Edições Sesc São Paulo e Editora Perspectiva, 2013). Mas, é a partir da década de 1960 que o teatro de rua passa a se manifestar de maneira mais contundente no país. E um dos grupos de teatro de rua brasileiros mais longevos em atividade ininterrupta é o Grupo Imbuuçã, do estado de Sergipe.

Fundado em 28 de agosto de 1977, e batizado com o nome do embolador e artista popular Mané Imbuuçã, o grupo já produziu mais de 35 espetáculos, como *Escreveu não leu, cordel comeu!* (1989) e *A farsa dos opostos* (1992), abrigando em sua sede, na cidade de Aracaju, oficinas e ações socioeducativas. “Historicamente, as manifestações populares de rua sempre ocuparam os espaços públicos sem distinção, com os seus cortejos e suas apresentações em plano horizontal. A partir da década de 1980, o Brasil começou a receber grupos e companhias de teatro de rua, do exterior, o que influenciou a estética e as formas de ocupação do espaço público”, observa o ator e diretor Lindolfo Amaral, cofundador do Imbuuçã.

Desde então, Lindolfo chama a atenção para a pluralidade de produções teatrais e mudanças ocorridas com o passar do tempo. “A composição de uma produção de teatro, independentemente do espaço que ocupa, tem modificado muito nas últimas décadas. Isso está relacionado a diferentes aspectos, dentre eles: as formas de produção, a proposta estética da montagem, a pesquisa de linguagem do grupo ou do diretor, o uso de tecnologias. O que se tem observado são diferentes formas de tratamento das narrativas, bem como as fronteiras ocupadas e o diálogo estabelecido com o público”, observa.

Dentre diferentes propostas cênicas, a performance, segundo o artista, tem ocupado o espaço não convencional de diferentes formas. “Ora com atuação expandida em contato direto com o público, às vezes sem estabelecer distinção entre ator e público. As narrativas também estão expandidas a ponto de alguns questionarem: ‘Isso é teatro?’ O conceito é dinâmico, assim como a sociedade em que vivemos”, defende Lindolfo. O diretor acredita, ainda, que “as formas de produção terminam por definir os caminhos que os trabalhos artísticos vão seguir e como o público vai se envolver na ação dramática”.

AMPLIAR PÚBLICOS

Diante de mais possibilidade de fruição do teatro, multiplicam-se espectadores. Se não pelo hábito de assistir a montagens teatrais, pela curiosidade. “Eu diria que essa relação com o público começa antes do espetáculo. E ele precisa estar aberto a essa experiência. Algumas pessoas têm receio, enquanto outras, justamente por ser um espaço não convencional, ficam interessadas em ir. Por exemplo, o Hospital Umberto I – onde foi encenado *O Livro de Jó* (cuja estreia foi em 1995) – havia sido fechado há pouco tempo, mas ainda tinha cheiro de éter. Teve gente que se incomodou. Ou seja, esse lugar te atravessa e te afeta de alguma maneira”, acredita Antônio Araújo, que apresentará “pistas” do novo projeto do Teatro da Vertigem, *Rodeio* (título provisório), sobre o pensamento conservador atrelado ao universo rural e do agronegócio, no festival Mirada.

O diretor também destaca que nesse local “alternativo” desenha-se outra relação cena-público, uma vez que as ações podem acontecer ao lado,

em frente ou atrás de quem assiste à peça. “Como espectador, eu tenho autonomia. Por exemplo, quando há uma cena em volta de uma cama, eu escolho de qual ângulo quero ver, qual ator ficará em primeiro plano. Então, o público pode escolher seu ponto de vista, de alguma maneira, e atuar a partir dele.”

Para Lindolfo Amaral, do Grupo Imbuça, a ocupação de espaços alternativos com trabalhos que subvertem a relação unidimensional palco-plateia também interfere na sensibilização de novos públicos. “Recentemente, estava em um supermercado e uma funcionária comentou da sua experiência ao assistir à apresentação de *O auto da barca do inferno*, em 1997, na praça Fausto Cardoso, no centro de Aracaju. Ela confessou, com os olhos cheios de lágrimas, que foi a primeira vez que viu teatro, e a sensibilizou para o universo artístico e para a vida. Isso demonstra o quanto é importante a arte ocupar os espaços públicos, pois construímos pontes, e não muralhas”, compartilha. ■

(Por Maria Julia Lledó)



A peça *O Livro de Jó*, do Teatro da Vertigem foi realizada no Hospital Umberto I: cena da montagem de 1998, com o ator Roberto Audio e a atriz Luciana Schwinden.

Foto: Guto Muniz

Mirar diversidades

SEXTA EDIÇÃO DO MIRADA – FESTIVAL IBERO-AMERICANO DE ARTES CÊNICAS APRESENTA TRABALHOS DE 13 PAÍSES E LEVANTA REFLEXÕES EM CRIAÇÕES DE DIVERSOS FORMATOS

Após um intervalo de quatro anos depois do último festival, período marcado pelo grande impacto social provocado pela pandemia da covid-19, o ano de 2022 marca a retomada da realização presencial do Mirada – Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas, na cidade de Santos, litoral sul de São Paulo. Em sua sexta edição, realizada entre os dias 9 e 18 de setembro, Portugal é o país convidado.

O festival e o bicentenário da Independência do Brasil são celebrados no mesmo mês, coincidência que representa um dado simbólico e abre um vasto campo de reflexões e críticas sobre os processos históricos e as relações entre os dois países a partir das obras artísticas e encontros com criadores e pensadores das mais diversas áreas. A programação portuguesa incluirá trabalhos de teatro, dança, performance e espetáculos infanto-juvenis. Produções de alguns dos coletivos e artistas mais destacados na cena teatral do país: Monica Calle, André Amálio (Hotel Europa), Joana Craveiro (Teatro do Vestido), Nuno Cardoso (Nacional 21), TEP – Teatro Experimental do Porto, Tiago Cadete, entre outros.

Segundo Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc em São Paulo, “a cultura proporciona a oportunidade de reduzir fronteiras e fortalecer diálogos entre povos diversos”. E, complementa, “o Mirada surgiu em 2010 com o objetivo de apresentar experiências cênicas dos países da América Latina, Espanha e de Portugal, favorecendo diálogos entre criadores e público, a fim de propiciar trocas e reflexões sobre heranças comuns e identidades particulares”.

Para além de Portugal, também participam do Mirada grupos, coletivos e artistas de mais 12 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Espanha, México, Peru, Uruguai e Venezuela. Entre alguns destaques, estreia o espetáculo *Erupção – o levante ainda não terminou*, da coletivA ocupação, e *Fronte[i]ra Fracas[s]o*, uma coprodução latino-americana entre o Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare (Brasil) e o Teatro de los Andes (Peru). Ao todo, estão previstos 36 espetáculos e 70 sessões em 14 locais na cidade de Santos e região. Também serão oferecidas, como em edições passadas, diversas atividades formativas, tais como rodas de conversa, intercâmbios, oficinas, performances, lançamentos de livros e outras variedades de encontros abertos. Saiba mais: mirada.sescsp.org.br.

Confira alguns destaques da programação.

MAR DE FITAS, NAU DE ILUSÃO (BRASIL)

Grupo Imbuaça (SE)

Com roteiro e direção de Iradilson Bispo, o espetáculo celebra os 45 anos do Grupo Imbuaça, homenageando a literatura de cordel, a cultura popular, mestres e mestras e artistas da região. (Dia 10/09, sábado, às 12h, na Praça Mauá; e 11/09, domingo, às 16h, no Emissário Submarino).



Foto: Arquivo Grupo Imbuaça

LA MUJER QUE SOY (ARGENTINA)

Teatro Bombón

A narrativa transcorre simultaneamente em dois espaços – cada um dá conta de uma perspectiva da história de Mercedes e Martha, que já foram casadas, moram em ambientes contíguos e lidam com uma série de mudanças. O espectador vai ter a oportunidade de ver os dois lados da história, visitando ambos os espaços. (Dias 12 e 13/09, segunda e terça-feira, às 15h e às 17h, em local a ser divulgado na compra do ingresso).

REMINISCÊNCIA (CHILE)

Compañia Le insolente Teatre

A partir de ferramentas de geolocalização, o diretor e ator Mauro Vaca Valenzuela mergulha em sua biografia e, ao mesmo tempo, na biografia da cidade de Santiago. Para isso, combina memória recente e cicatrizes mais profundas, uma pesquisa que resultou de um ensaio documental biográfico e político. (Dias 12 e 13/09, segunda e terça-feira, às 18h, no Centro Cultural Português).

FESTA DE INAUGURAÇÃO (BRASIL)

Teatro do Concreto (DF)

Quatro atores recolhem os cacos que sobraram do choque entre placas tectônicas, de inundações, de bibliotecas em chamas, de estátuas que perderam a cabeça, de corpos, palavras e desejos. Em xeque, a dificuldade de escolher entre aquilo que sobrou. (Dia 12/09, segunda-feira, às 21h; e dia 13/09, terça-feira, às 20h, na Casa da Frontaria Azulejada).

RODEIO (BRASIL)

Teatro da Vertigem (SP)

Neste trabalho em elaboração, o grupo de São Paulo se propõe a investigar o ambiente rural brasileiro, especialmente as regiões Sudeste e Centro-Oeste, estendendo-se para o estado de Rondônia, na região Norte. Depois da apresentação, haverá uma conversa com integrantes do grupo, mediada pelo programador cultural do Sesc Santos Amilton de Azevedo. (14/09, quarta-feira, às 15h, no Teatro Rosinha Mastrângelo).

VILA PARISI (BRASIL)

Coletivo 302 (SP)

Obra teatral performativa inspirada em pesquisas sobre a vida no bairro operário da cidade de Cubatão-SP, que se tornou mundialmente conhecida, entre os anos 1970 e 1980, como a mais poluída do mundo. A peça é costurada por eventos e depoimentos de antigos moradores. (Dia 16/09, sexta-feira, às 19h, na Praça do Cruzeiro Quinhentista, em Cubatão. Vagas limitadas. Para solicitar transporte do Sesc Santos ao local, inscreva-se em www.inscricoes.sescsp.org.br).

ANONIMATO (BRASIL)

Cia. Mungunzá (SP)

Em um cortejo de 100 metros em linha reta, com instalações, bonecos, perna de pau, figurino inflável e música, o grupo apresenta metáforas acerca do acontecimento cênico. Oito figuras anônimas, que representam o coletivo, são convocadas para um ato e, durante a caminhada, vão se transformando. (Dia 17/09, sábado, às 11h, na Fonte do Sapo; e às 16h, na Lagoa da Saudade).



Foto: Leticia Godoy

O balé do mestre dos sons

OS ITINERÁRIOS GENIAIS DO MÚSICO BAIANO QUE
BRILHOU AO REDIMENSIONAR OS RITMOS AFRO-BRASILEIROS

O multi-instrumentista, maestro, compositor, arranjador, produtor e educador Letieres Leite teve um último encontro com os integrantes do Letieres Leite Quinteto apenas quatro dias antes de falecer – em outubro do ano passado, aos 61 anos, em decorrência de complicações da covid-19. A reunião, em um estúdio de Salvador, foi marcada pelas palavras emotivas do artista, e se tornaria uma das mais fortes recordações que o baterista Tito Oliveira tem do mestre, com quem trabalhou por 15 anos. “Nunca vou esquecer que, na ocasião, ele nos falou da importância que a gente tinha na sua vida pessoal e musical”, lembra Oliveira, um dos componentes do grupo junto ao percussionista Luizinho do Jêje, o contrabaixista Ldson Galter e o tecladista Marcelo Galter. As palavras afetuosas que fluíam a cada ensaio somam-se aos gestos de incentivo, ao entusiasmo, bom humor e à dedicação total à música (em todas as suas dimensões) que acompanharam o maestro ao longo de mais de quatro décadas de carreira – uma trajetória considerada genial. O pensamento teórico-pedagógico do compositor é um de seus maiores e mais originais legados.

“O trabalho de Letieres Leite trouxe uma compreensão sobre a música brasileira de valorização das produções baseadas nas matrizes afro-diaspóricas, que ajuda a retirar delas o estigma de periférico, arcaico, tribal, entre outras formas de adjetivação que lhes atribui uma

inferiorização em relação a expressões eurocêntricas – às quais são atribuídos valores como cosmopolitismo, inovação, inventividade”, explica o jornalista e pesquisador musical Marcelo Argôlo. Tal valorização é atestada em toda a obra musical de Letieres Leite, seja em sua atuação individual – cujo virtuosismo está presente em incontáveis gravações e apresentações ao lado de nomes como Caetano Veloso, Maria Bethânia, Lenine, Hermeto Pascoal, Gilberto Gil e Ivete Sangalo – seja à frente da magistral Orkestra Rumpilezz, criada e regida pelo maestro de 2006 a 2021.

“Quando Letieres dizia que *toda a música brasileira é afro-brasileira*, ele dizia que a contribuição de ancestrais negros e negras é fundamental para a música do nosso país e que precisa ser visibilizada. A afirmação não tem como objetivo disputar um rigor acadêmico, aliás nada que o maestro fez tinha a pretensão de seguir essas diretrizes metodológicas eurocêntricas”, reflete Marcelo Argôlo. O trabalho desenvolvido pelo multi-instrumentista contribuiu, assim, para que diferentes gerações de artistas compreendessem a riqueza do legado da população negra para a música brasileira. “Percebo os ensinamentos de Letieres como saber identificar e estar atento às claves rítmicas, e produzir toda a criação musical a partir desse elemento muito presente em artistas mais novos”, observa o jornalista e pesquisador.

"QUANDO LETIERES DIZIA QUE TODA A MÚSICA BRASILEIRA É AFRO-BRASILEIRA,
ELE DIZIA QUE A CONTRIBUIÇÃO DE ANCESTRAIS NEGROS E NEGRAS É
FUNDAMENTAL PARA A MÚSICA DO NOSSO PAÍS E QUE PRECISA SER VISIBILIZADA"

(MARCELO ARGÔLO, JORNALISTA E PESQUISADOR MUSICAL)



Foto: Fernando Eduardo/Creavative

ABRINDO CAMINHOS

A música não foi a primeira das paixões de Letieres. Criança, durante as brincadeiras com os oito irmãos, afirmava que seria pintor e desenhista. Adolescente, teve aulas de percussão em um projeto de formação de orquestras afro-brasileiras com atuação nas escolas de Salvador, sob regência do mestre Moa do Katendê (1954-2018), homenageado pelo Letieres Leite Quinteto no álbum *O Enigma Lexeu* (2019), e com quem o artista afirmava ter aprendido a ser disciplinado. Aos 17 anos, Letieres ingressou no curso de artes plásticas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Na mesma época, ao obter um certo sucesso tocando – de forma autodidata – instrumentos de sopro, como flauta e saxofone, interessou-se, também, por uma carreira profissional na música.

Em poucos anos, inseriu-se no meio musical soteropolitano, acompanhando artistas locais. A primeira mudança veio em 1981, quando decidiu explorar outros estados brasileiros. Passou a viver em Santa Catarina e, em seguida, no Rio Grande do Sul. Na capital gaúcha, escreveu arranjos para a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) e apresentou-se ao lado de músicos renomados, como o instrumentista Renato Borghetti. Cinco anos depois, daria início aos estudos no *Franz Schubert Konservatorium*, em Viena, onde morou por quase uma década.

“Mais que um diálogo entre a tradição europeia e a tradição percussiva no mundo atlântico, Letieres buscou colocar a música percussiva numa posição equivalente em termos de referência e importância cultural. Ele conseguiu perceber os complexos padrões que organizam a música popular, cujas bases são as matrizes das religiosidades negras que se desenvolveram nas Américas com a diáspora africana”, avalia a antropóloga, escritora e pesquisadora Goli Guerreiro. Ao identificar tal padrão, Guerreiro destaca que o músico passou a elaborar um método de transmissão de conhecimento que levantava a possibilidade de inserção das músicas negras no universo acadêmico. Universo esse em que “a biblioteca colonial prevalece, pois as escolas de música continuam desconsiderando, ou desconhecendo, a música percussiva que está presente, segundo

Letieres apontou, nas músicas populares de todas as Américas”. [Leia mais no box **Sonoridades ancestrais**].

RITMOS E IDEIAS

Na volta a Salvador, Letieres daria vazão à faceta de educador. Lecionou saxofone na UFBA e, na mesma época, fundou a Academia de Música da Bahia, dedicada ao ensino da música afro-baiana. O retorno às origens renderia, ainda, uma parceria musical de 12 anos com a cantora Ivete Sangalo, período em que incorporou elementos do *jazz* aos trabalhos da conterrânea – como saxofonista, compositor e arranjador. E foi na sede da Academia onde Letieres deu início às profundas pesquisas rítmicas que resultaram na criação da Orkestra Rumpilezz.

O nome escolhido é uma referência a *rum*, *rumpi* e *lé*, como são chamados os três atabaques tocados pelos ogãs musicais alabês nas cerimônias do candomblé. Letieres foi o responsável por todo o conceito da orquestra: dos figurinos e cenários aos arranjos e composições. À frente dos mais de 20 músicos, regia o conjunto com seu jeito único: ora segurando caxixis, ora portando agogôs, mas, quase sempre, movendo os braços com suavidade, bailando em movimentos que fluíam soltos, acompanhando a percussão.

Com a Rumpilezz inovaria, mais uma vez, ao colocar os sopros dispostos em formato de ferradura, atrás da percussão – subvertendo o formato das orquestras tradicionais. “Vestidos com camisa regata, bermuda e sandália, os instrumentistas de sopro criam uma sala de estar na frente do palco, que é ocupada pelos instrumentistas da percussão vestidos em trajes de gala”, detalha Marcelo Argôlo. “Acho que o jornalista Ramiro Zwetsch foi muito feliz quando escreveu que Letieres Leite era ‘o maestro que dança’”. Ele não gostava de ser chamado de maestro, porque essa figura central da orquestra, e responsável pelo desempenho musical, é uma construção branca e europeia. Ele preferia ser chamado de compositor, arranjador, instrumentista e regente”, conta Argôlo. E, de fato, “a condução de Letieres não estava na batuta, sua principal forma de comunicação não era a partitura, era a oralidade; e essa disposição de quebrar a construção eurocêntrica também está presente no figurino e na disposição da Rumpilezz”, complementa o pesquisador musical.



Gravadora Rochante/Divulgação



“MAIS QUE UM DIÁLOGO ENTRE A TRADIÇÃO
EUROPEIA E A TRADIÇÃO PERCUSSIVA NO
MUNDO ATLÂNTICO, LETIERES BUSCOU
COLOCAR A MÚSICA PERCUSSIVA NUMA
POSIÇÃO EQUIVALENTE EM TERMOS DE
REFERÊNCIA E IMPORTÂNCIA CULTURAL”

(GOLI GUERREIRO, ANTROPÓLOGA)

TANTOS FUTUROS

O legado do maestro segue pulsando, hoje, no Instituto Rumpilezz, formado pela Orkestra Rumpilezz, Letieres Leite Quinteto, Coletivo Rumpilezzinho e o projeto Rumpilezzinho. Esse último, um laboratório de formação musical sobre o qual discorria com entusiasmo. “Letieres era uma explosão de ideias. Ele tinha uma cabeça fervilhante e muitos projetos em mente”, conta a produtora cultural e comercial do Instituto Rumpilezz, Marília Carneiro.

Ela explica que uma dessas ideias foi a realização da segunda edição do *Festival Rumpilezz - Música e Pensamento*, idealizado por Letieres com o intuito de jogar luz sobre o legado dos ritmos de matriz africana na própria constituição da música brasileira, apresentando os seus conceitos fundamentais e estruturantes como consequência da diáspora negra. “Ele queria mesmo era provocar, colocar as questões na mesa, dialogar, trazer a música afro-diaspórica para o centro do debate. Ele, no seu universo caótico, de poucas horas de sono e muitas horas de música, se fez marcante para os que contribuíram com ele para a música brasileira, e deixou um legado inquestionável”, destaca a produtora.

A herança de Letieres Leite é inestimável e ainda precisa ser descoberta e analisada a fundo para ser amplamente disseminada. É o que aponta a antropóloga Goli Guerreiro. “Sua ausência física é tão lamentada, pois seu talento de professor anti-hermético é inigualável. Vem talvez de sua leitura ampla da música ocidental somada a seu pertencimento ao berço baiano”, defende Guerreiro. Segundo a pesquisadora, Letieres “atravessou a oralidade dos terreiros e construiu o espaço da produção de conhecimento da escola formal, sem que os fundamentos da música religiosa fossem abandonados”. Para a antropóloga, a ausência de Letieres é “tão recente e tão inesperada que não sabemos bem como fazer para honrar seu legado, como seguir acessando seu conhecimento, que vivia seu auge.” ■

(Por Manuela Ferreira)

Sonoridades ancestrais

UNIVERSO PERCUSSIVO BAIANO, MÉTODO DE ENSINO CRIADO POR LETIERES,
SEGUE AMPLIANDO AS BASES DA TEORIA MUSICAL

No *Franz Schubert Konservatorium*, Letieres Leite reuniu os pilares do seu método *Universo Percussivo Baiano* (UPB), sistema de ensino prático e teórico de música afro-brasileira estruturado por ele ao retornar ao Brasil, em 1994. Ainda estudante em Viena, sentia o corpo falar mais alto à medida em que avançava nos estudos teóricos. Já ali, seu pensamento pedagógico se manifestava em palmas, batidas das mãos e dos pés, no corpo que não esquecia o ritmo do afoxé que dita o tom dos cortejos do carnaval de rua baiano.

“A presença do corpo foi a grande transformação, a grande eureka da minha vida”, definiu o próprio artista na aula de abertura do curso *Universo Percussivo Baiano* (UPB), disponível no canal do Centro de Música do Sesc São Paulo, no Youtube. “Eu sentia uma dificuldade tremenda de educar os alunos europeus. Nascemos com outra rítmica, é claro, que não estava dentro do vocabulário que eles realizavam musicalmente. Foi quando eu tive que procurar uma solução para que eu não ficasse tão frustrado. Sempre que eu fosse executar meus arranjos das músicas, ritmicamente, nunca ficava a contento”, disse o maestro. *[Leia mais no boxe Lições singulares]*

A necessidade, naquele momento, era de que todos os instrumentos tocados estivessem conectados, em ritmo com o “sotaque” das músicas que ele propunha. “Eram músicas brasileiras de diversas origens – samba carioca, partido alto, frevo, maracatu, samba de crioula, congado, jongo. Todas elas são organizadas pelas mesmas regras: a bossa nova, os sambas contemporâneos da Bahia que ficaram mais conhecidos, como o samba-reggae e o samba-afro. Todas essas músicas são frutos de uma mesma árvore, a matriz africana, com suas raízes seculares, que foram forjadas durante todo esse grande holocausto que foi o período da escravidão no Brasil”, declarou o maestro.

“Letieres dizia que a linguagem da partitura previu determinadas formatações musicais (de compassos, de divisão rítmica, entre outras) e não previu outras. Entre essas, as que são utilizadas nas músicas da diáspora negra. Por essa razão, ele dizia que não conseguia escrever as composições e arranjos do jeito correto. O que ele fazia, então, eram aproximações, e os músicos precisavam compreender na oralidade e na corporalidade o jeito certo de tocar as músicas da Rumpilezz. Eu interpreto esse movimento como decolonial, porque quebra completamente com uma suposta universalidade da forma eurocêntrica de produção e de transmissão do conhecimento musical, e traz para o centro, para o norte, modelos e metodologias afrocentradas, como são a oralidade e a corporalidade”, expõe Marcelo Argôlo.

O método UPB foi amplamente difundido pelo maestro em *workshops* e palestras no Brasil e no exterior, ressoando em estudos acadêmicos que perpassam ritmos como o jazz latino-americano, a cumbia cubana e o tango argentino. “Quando descobri o trabalho do maestro fiquei impressionada com a forma como sua proposta, sem deixar de ser jazz, propunha relocar a tradição do gênero de outro centro epistêmico, diferente do cânone global do jazz, com base na musicalidade da UPB – composta principalmente pela música dos blocos afro, o samba do Recôncavo (baiano) e a música sacra do candomblé”, descreve a musicóloga e pesquisadora em etnomusicologia Berenice Corti.

“A conceituação que ele desenvolveu – como exemplo, o uso do termo ‘sagrado’, historicamente associado à música de tradição europeia –, e sua aplicação à arquitetura musical de suas composições, arranjos e apresentação cênica, revela um particular ‘jazz-reflexão musical’, uma espécie de ‘filosofia social em ação’, como diz [o sociólogo] Muniz Sodré. A matriz africana, ou melhor dizendo, as matrizes africanas, são trazidas por Letieres à tona, tanto estética quanto conceitualmente e politicamente”, pontua Berenice Corti.



Letieres Leite e Orquestra Rumpilezz, criada e regida pelo maestro de 2006 a 2021.

Toques de ouro

O TRABALHO DO MAESTRO SOB A ÓTICA DOS PARCEIROS DE VIDA, PALCO E ESTÚDIO

“Foram vários os momentos de genialidade que eu presenciei. A aplicação dos conceitos da UPB era incrível, a fluidez do improviso, a explosão de transformar a situação de cabeça para baixo em um segundo e enxergar o que ninguém mais enxergava eram extremamente impressionantes. Tudo isso eu tento trazer para o meu dia a dia. Acima das claves, acima dos modos do Messian que ele gostava, acima dos ritmos e ideias, a generosidade e o respeito ao indivíduo e aos seus caminhos é o que eu mais quero absorver dele.”

JORDI AMORIM
Diretor musical do
Coletivo Rumpilezzinho

“Tocar com Letieres ao longo desses anos foi um período de total imersão e busca de sonoridades. Ele tinha o grupo como via de acesso a ambientes não tão explorados na música instrumental. Suas provocações musicais em torno desse universo nos trouxe um entendimento e amadurecimento muito particular. Sua criatividade, generosidade e alegria sempre contagiaram a todos.”

LDSON GALTER
Diretor musical do
Letieres Leite Quinteto

“A primeira vez que tive a oportunidade de trabalhar com ele foi na gravação do meu segundo álbum, *Canção e Silêncio* (2014), para o qual ele escreveu quatro arranjos para a orquestra e regeu os músicos em todas as faixas, com cordas e sopros. O meu último álbum lançado, *Do meu Coração Nu* (2020), também tem arranjos do mestre. Era fascinante a sua didática e carinho, ao nos ensinar e ensaiar os seus arranjos. Um grande mestre grão.”

ZÉ MANOEL
Cantor e compositor

“Quem me abriu a oportunidade de trabalhar com Letieres foi Márcia Castro. Sugeri que ele fosse o produtor, junto com Lucas Santtana, do álbum *Axé* (2021), que a gente faria junto. E ele topou. Eu só conhecia o Letieres artista. Mas *Axé* aconteceu e isso mudou totalmente. Em estúdio, ficamos logo amigos. Letieres não dava uma ideia ‘mais ou menos’, todas eram certas: uniam a erudição natural dele com uma linguagem pop que tão bem dominava. Letieres Leite era todo espetáculo.”

MARCUS PRETO
Jornalista, produtor
musical e diretor de arte

“Ficou evidente para mim, desde o primeiro momento, a exuberância do maestro, a maneira como ele praticava e entendia a música. Isso ficava muito evidente na hora em que os arranjos foram mostrados a mim, com sutilezas e camadas nunca jamais imaginadas. Era um *tsunami* a maneira como ele fazia com que os músicos tocassem com um tipo de dinâmica e relevo que era muito impactante para qualquer um, não só para mim. Qualquer um que entrasse nesse universo para cantar as canções arranjadas e tocadas pela Rumpilezz, rapaz...tem que ser um bom surfista, porque é um *tsunami*!”

LENINE
Cantor e compositor

“Trabalhamos desde os anos 1990, logo que ele retornou da Europa. Foi uma empatia mútua, uma relação que já começou muito respeitosa e foi sendo preenchida com admiração recíproca. Ele sempre mostrou um conhecimento sofisticado de harmonia. Quando o trabalho com a Rumpilezz surge, passamos para uma dimensão muito maior, muito diferente porque mexeria com coisas estruturantes, com coisas importantes demais. Me impactou demais a forma como ele teve o propósito de revelar para o mundo uma sofisticação que estava nessa música que sai dos terreiros de candomblé.”

JOATAN NASCIMENTO
Trompetista da Orkestra
Rumpilezz

“Sempre tenho em mente os momentos de ansiedade e de nervosismo antes de algum show ou de alguma gravação, algo que ele via que era de muita responsabilidade e, ao mesmo tempo, não era que ele não fosse capaz daquilo; era como se ele fosse um menino, um jovem fazendo aquilo pela primeira vez. Isso aconteceu algumas vezes – em shows com Gilberto Gil, Caetano Veloso, Lenine. Um dos grandes ensinamentos que levo como aprendizado para minha vida é que ele mostrou que, para o percussionista, tudo é possível. Porque tudo é percussão, tudo é tambor.”

TIAGO NUNES
Percussionista da
Orkestra Rumpilezz

“Uma coisa muito poderosa que aprendi com o maestro é valorizar cada pessoa como única. Ele fazia isso musicalmente, dizendo que ‘dava para cada um o que cada um podia comer’. Também me lembro de quando disse ao maestro que iria me mudar para São Paulo. Ele respondeu: ‘Menina! você tem que ir para fora, tem que morar fora!’. Ele acreditava muito em mim, me deu oportunidades de fazer vários trabalhos e isso foi muito importante.”

ALANA GABRIELA
Musicista percussionista
do Coletivo Rumpilezzinho

“Encontrar Letieres sempre era marcante porque a gente sabia que daquele papo viria uma conversa inusitada, diferente, fora da caixa. Eu costumava falar que era uma pena que a gente não tivesse dinheiro suficiente para fazer um documentário sobre os bastidores da gravação do meu disco *Axé*. Não pelo disco em si, mas pelas histórias que partiam dele. Eram sempre muitas histórias! Uma figura muito especial, sempre muito afetiva, sempre muito acolhedora com tudo e com todos. Uma pessoa que nunca vi julgar nada nem ninguém.”

MÁRCIA CASTRO
Cantora e compositora

Lições singulares

OBRA DE LETIERES LEITE PODE SER ACESSADA EM REGISTROS ÚNICOS

O trabalho musical e teórico-pedagógico do maestro pode ser conferido em registros audiovisuais disponíveis na internet. Um legado que ensina “não só que é possível, como necessário, compreender nossas práticas musicais latino-americanas no marco da história da travessia do Atlântico, do tráfico de escravizados, das assimetrias da indústria cultural e da luta dos povos contra todas as formas de dominação e racismo”, como define a musicóloga Berenice Corti.

AUDIOVISUAL

Curso Universo Percussivo Baiano, disponível on demand no canal do Centro de Música do Sesc São Paulo, no

Youtube: As aulas, disponíveis em 4 partes, são conduzidas pelo próprio Letieres Leite. O artista faleceu na véspera do dia de estreia do curso, em 27 de outubro de 2021. [bit.ly/curso-upb](https://www.youtube.com/watch?v=4Ty4ZCkVWWw)

Programa Instrumental Sesc Brasil – Letieres Leite &

Orkestra Rumpilezz: A gravação, realizada ao vivo no Teatro Anchieta do Sesc Consolação, apresentou a *big band* em abril de 2013 e segue disponível no SescTV.

<https://www.youtube.com/watch?v=4Ty4ZCkVWWw>



Reprodução

Projeto Juntos, porém separados: Nenê & Sizão Machado & Carlos Ezequiel & Letieres Leite: Lançado em 2020, pelo Selo Sesc, o registro apresenta o maestro tocando flauta em sol. Confira um teaser: [bit.ly/juntos-separados](https://www.youtube.com/watch?v=D-oV5_P0eWY)

Letieres Leite, Ldson Galter e Marcelo Galter no

#EmCasaComSesc: Encontro, gravado em agosto de 2020, reúne o maestro e os músicos Ldson Galter (baixo acústico) e Marcelo Galter (piano), integrantes do Letieres Leite Quinteto.

https://www.youtube.com/watch?v=D-oV5_P0eWY

DISCOGRAFIA

Orkestra Rumpilezz - A Saga da Travessia (Selo Sesc, 2016): Álbum vencedor em três categorias no Prêmio da Música Brasileira de 2017: melhor arranjador, melhor álbum instrumental e melhor grupo instrumental. Disponível na página do Selo Sesc: [bit.ly/asagadatravessia-selo](https://www.youtube.com/watch?v=D-oV5_P0eWY) e no Spotify: [spoti.fi/3bSND7S](https://open.spotify.com/album/3bSND7S)



Daniel Evangelista

Trabalha no setor de comércio

Ele frequenta os espetáculos do
Teatro Anchieta, no Sesc Consolação



Acesse e saiba como
fazer a sua Credencial Plena



www.sescsp.org.br/credencialplena

Com a Credencial, você e sua família terão
acesso prioritário a todas as atividades do
Sesc em todo o Brasil.

Faça como o Daniel! Se você trabalha na
área de comércio de bens, serviços ou
turismo, você tem direito à **Credencial Plena**
do Sesc, gratuitamente.

TRAÇOS URBANOS

PROJETOS ARQUITETÔNICOS REFLETEM DESAFIOS DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

A arquitetura espelha a sociedade e pauta a vida coletiva. É uma manifestação cultural muito antiga que traduz desejos e possibilidades dos grupos sociais. Tanto que muitas pessoas viajam para conhecer cidades e visitar seus marcos arquitetônicos, edifícios, parques e bairros. “No Brasil, porém, mais de 70% das construções são realizadas sem arquitetos. Essa é uma contradição que vivemos, por isso ainda temos tanto a fazer”, afirma Cristiane Muniz, diretora da Escola da Cidade, faculdade de arquitetura e urbanismo fundada em 2001 na capital paulista.

Assim, observar a diversidade de propostas, formas, projetos e materiais utilizados nas construções – vidro, aço, concreto etc. – é também um meio de refletir sobre urgências urbanas, sobretudo em grandes cidades como São Paulo. “Entre as questões contemporâneas da capital paulista, estão edifícios vazios, abandonados ou subutilizados em áreas centrais, os quais poderiam amparar o direito fundamental à moradia. A arquitetura pode, sem dúvida, contribuir para resolver esses problemas”, defende Cristiane.

Dentre os princípios que pautam o trabalho do arquiteto contemporâneo está a visão da arquitetura em três pilares: ela deve ser pública, democrática e inclusiva. “Os arquitetos atuam para garantir qualidade e sentido público aos espaços, seja uma casa, um edifício comercial, uma escola, uma praça ou um planejamento urbano. Mas, sempre surgem novas demandas, pois a cidade é um território em constante transformação e disputa de poder”, pontua Fabio Valentim, coordenador da **Editora Escola da Cidade**, que, em coedição com as Edições Sesc São Paulo, lançou a Coleção Arquitetos da Cidade (2021-) [*Leia mais em Entre estéticas e técnicas*]. “Da mesma forma, a arquitetura não é um assunto encerrado em si, mas o espaço onde todos nós vivemos”, completa.



Edifício Jardim
Edite, São
Paulo - SP,
2008 a 2013
/ Projeto do
escritório de
arquitetura
e urbanismo
MMBB.

Foto: Nelson Kon





Sesc Limeira, Limeira - SP, 2017, em andamento / Projeto do escritório gruposp.

Modelo eletrônico: Thiago Augustus

ENTRE ESTÉTICAS E TÉCNICAS

Coedição entre as Edições Sesc São Paulo e a Editora Escola da Cidade celebra o trabalho de escritórios de arquitetura que repensam a função das construções urbanas

Os três primeiros livros da *Coleção Arquitetos da Cidade* (**SIAA**, **gruposp** e **MMBB**), lançados entre 2021 e 2022 pelas **Edições Sesc São Paulo** em coedição com a **Escola da Cidade**, concentram-se no trabalho dos escritórios paulistanos que dão nome aos volumes e que se dedicam ao enfrentamento dos desafios socioculturais dos centros urbanos. Cada obra foi organizada, respectivamente, pelos arquitetos Francesco Perrotta-Bosch, Marta Bogéa e Guilherme Wisnik.

O livro **MMBB** (2022), mais recente volume do trio de lançamentos, evidencia o projeto de transformação de uma antiga loja de departamentos, no centro de São Paulo, para abrigar a unidade do Sesc 24 de Maio – projeto encabeçado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha (1928-2021) e inaugurado em 2017 [***Leia o Perfil O arquiteto dos encontros, publicado na Revista E nº 298, de agosto de 2021***]. “Nesses livros, também contemplamos as unidades [do Sesc em] Franca, Ribeirão Preto, Marília e Limeira, ainda em processo de construção ou reformulação”, destaca Fabio Valentim. ■

SERVIÇO

Coleção *Arquitetos da Cidade* - Edições Sesc São Paulo e Editora Escola da Cidade

Três primeiros volumes já lançados (entre 2021 e 2022): **SIAA**, **gruposp** e **MMBB**

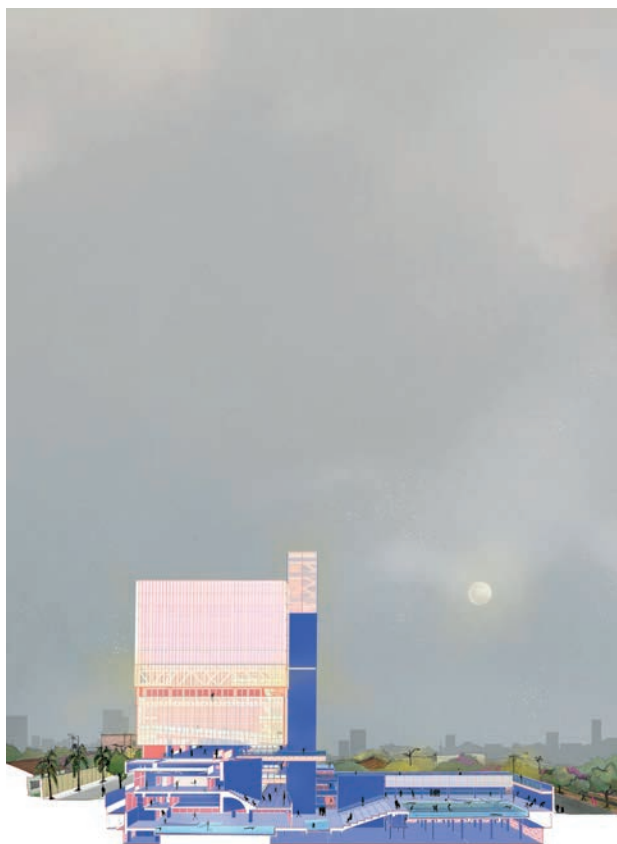
Próximos volumes, sem previsão de lançamento: **H+F** (org. Francesco Perrotta-Bosch), **Apiacás** (org. Alexandre Benoit) e **Nitsche** (org. André Scarpa).

Mais informações: bit.ly/colecao-arquitetos

CEU Parque do Carmo, São Paulo - SP,
2014 a 2020 / Projeto do escritório SIAA.







Desenhos: SIAA



Imagens do Sesc Ribeirão Preto – Ribeirão Preto - SP, 2013, em andamento / Projeto do escritório SIAA.



Imagem do Sesc Ribeirão Preto – Ribeirão Preto - SP, 2013, em andamento / Projeto do escritório SIAA.

Desenhos SIAA



Sede do Sebrae Nacional, Brasília - DF, 2008-2010 / Projeto do escritório gruposp.





Foto: Nelson Kon



Foto: Nelson Kon

Imagens da Casa no Morro do Querosene, São Paulo - SP, 2004 a 2008 / Projeto do escritório gruposp.



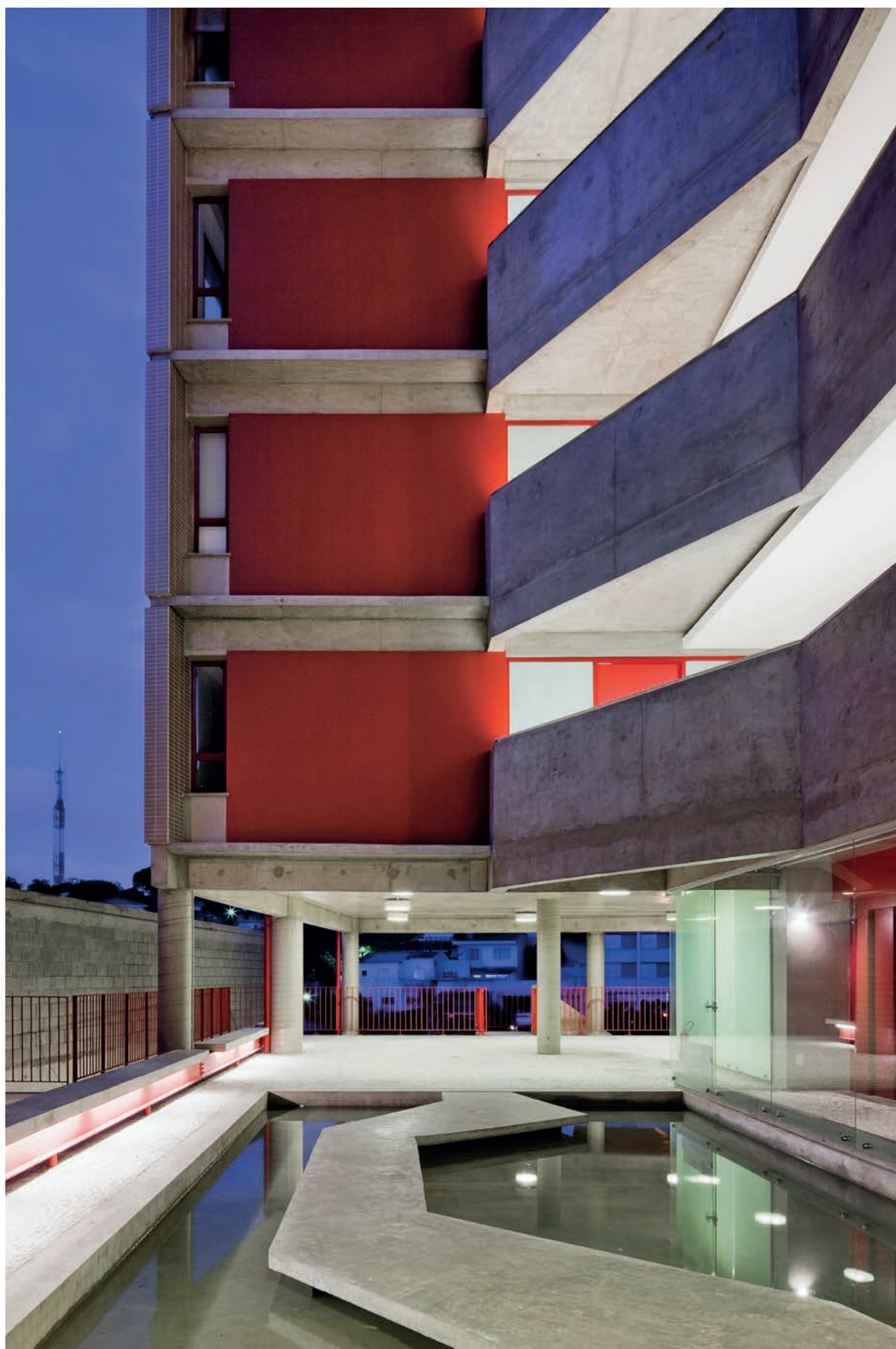


Foto: Nelson Kon

Edifício Simpatia (nesta página e página anterior), São Paulo - SP, 2007 a 2010 / Projeto do escritório gruposp.



Foto: Nelson Kon

Escola FDE Campinas,
Campinas - SP, 2003
a 2004 / Projeto do
escritório MMBB.





Foto: Ana Mello

Sesc 24 de Maio: rampa de acesso aos andares; Piscina (página seguinte, acima) e área de convivência (página seguinte, abaixo), São Paulo - SP, 2002 a 2017 / Projeto do escritório MMBB.



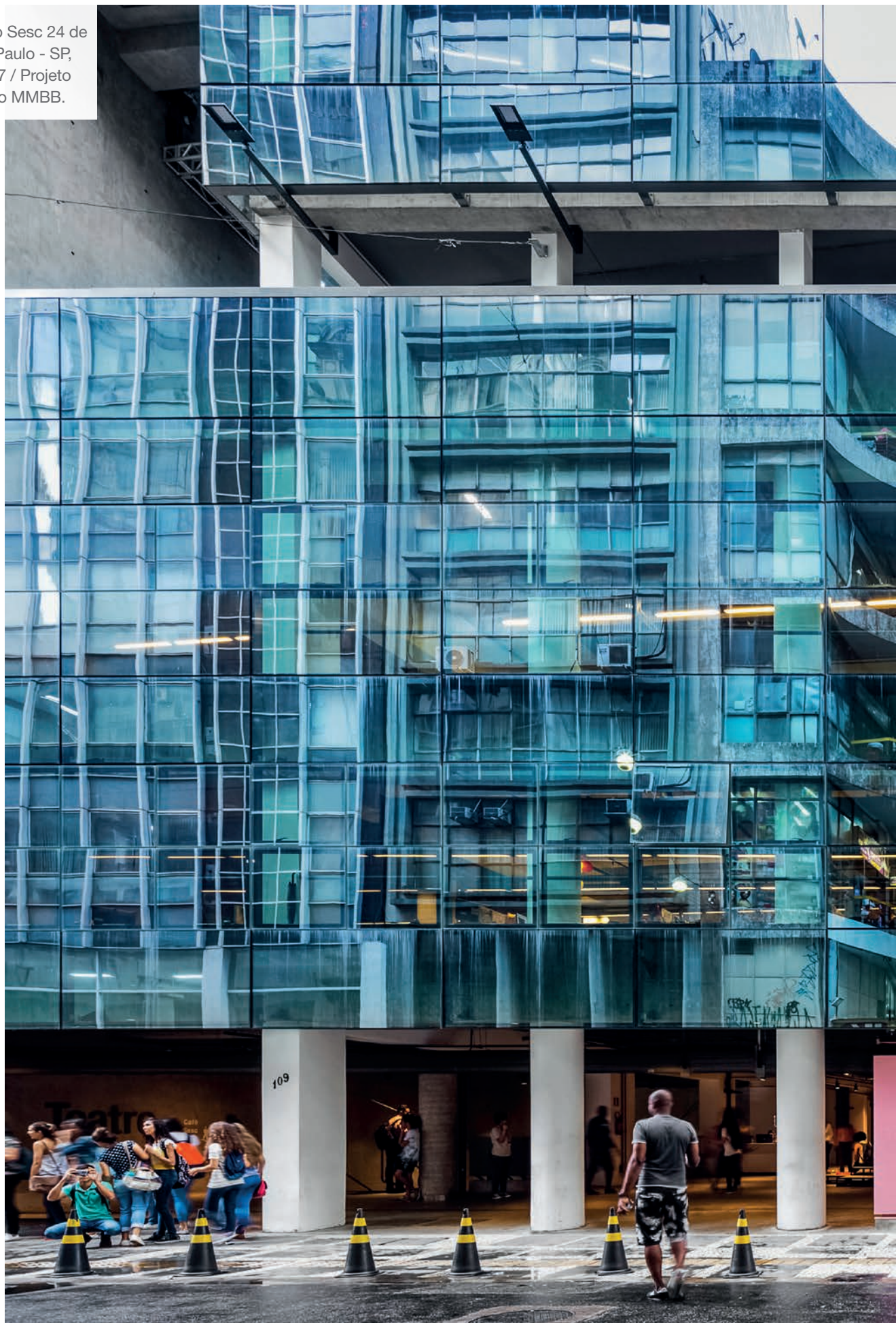
Foto: Sérgio Souza

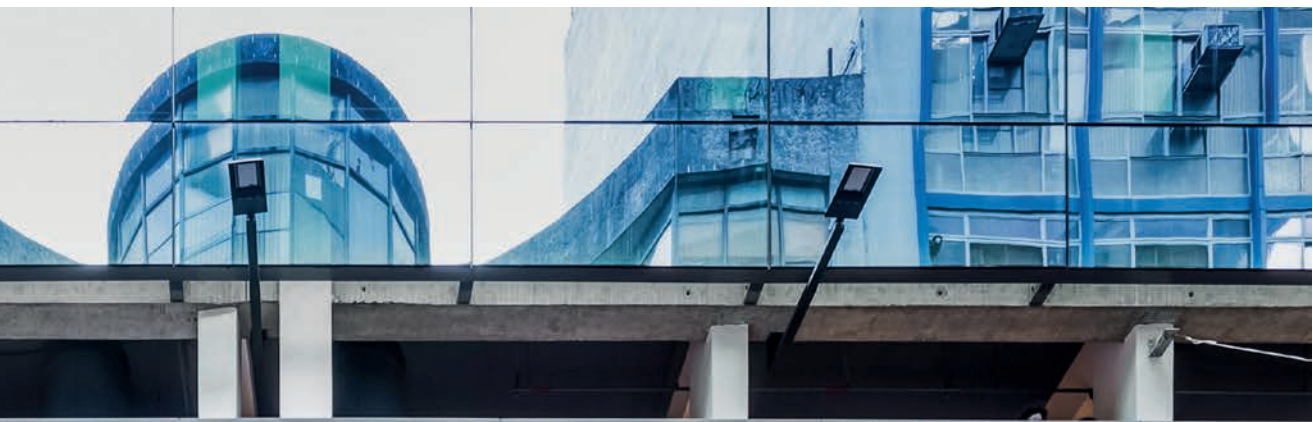


Foto: Nelson Kon

Fachada do Sesc 24 de
Maio, São Paulo - SP,
2002 a 2017 / Projeto
do escritório MMBB.

Foto: Ana Mello





Seu corpo em movimento

GOSTOS, HÁBITOS E
PERSONALIDADE PODEM
SER INDICADORES PARA
A ESCOLHA DA ATIVIDADE
FÍSICA MAIS APROPRIADA
PARA VOCÊ

Foto: Drazen Zigic/Freepik



Da sala para a cozinha, da cozinha para o quarto e, de lá, para o banheiro. Essa foi a rotina máxima de movimento que muita gente, confinada em casa e trabalhando em formato *home office*, manteve durante a pandemia. Resultado: 52% dos brasileiros ganharam, em média, 6,5 quilos em 2020, ocupando o topo do *ranking* entre 30 países, segundo a pesquisa **Dieta e Saúde sob a Covid-19**, realizada pelo instituto Ipsos com 22 mil pessoas em todo o mundo, no fim do primeiro ano de isolamento social.

De acordo com a psicóloga clínica e do esporte Thabata Telles, “estamos tão sedentários que pensar em 150 minutos (2 horas e meia de atividade física por semana) não é mais suficiente. Mas, ao mesmo tempo em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) faz esse apelo, ela diz que cada minuto conta [**Leia Cada passo conta – Encontros com Marcio Atalla, publicado na Revista E nº 308, de junho de 2022**]”. O mais importante, segundo Telles - que também é pós-doutora em Educação Física e Esporte pela Universidade de São Paulo (USP) e vice-presidente da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (Abrapesp) –, é se movimentar. “Nem que seja uma caminhada leve de 20 minutos por vez. Nessa nova diretriz, há ainda a indicação de se fazer fortalecimento muscular pelo menos dois dias por semana, além do exercício aeróbico”, explica.

Ajustar as atividades físicas de acordo com as características de cada um e individualizar as rotinas de exercício físico podem aumentar as chances de a pessoa aderir a uma prática esportiva regular. É o que ensina o professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) Cassio Meira Jr. Ele estuda, desde 2006, a relação entre traços de personalidade e o interesse por determinados tipos de atividades físico-esportivas.

“Já fiz várias pesquisas com atletas de alto rendimento e praticantes de academia. Uso bastante um questionário chamado *Big Five*, que avalia cinco traços principais de personalidade” e contém 44 perguntas, numa escala de 1 a 5 – sendo 1 “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”. Os traços são: extroversão (vitalidade), neuroticismo (estabilidade ou instabilidade emocional), amabilidade (empatia), abertura a experiências (gostar de atividades novas) e conscienciosidade (ser responsável e curtir ordem/disciplina)”, detalha Meira Jr. Segundo o professor da USP, os resultados obtidos são bastante consistentes e fazem um raio-X de como aquela pessoa é, e não como está naquele momento.

De modo geral, Meira Jr. diz que competidores de modalidades individuais, como maratonistas e ciclistas, tendem a ser mais introvertidos e impulsivos e a gostar de atividades com rotinas e regras bem definidas, enquanto lutadores de artes marciais e atletas de nado sincronizado, por exemplo, têm uma maior tendência à extroversão – que também estaria ligada à criatividade. “A pessoa introvertida costuma privilegiar a precisão do movimento, tarefas mais longas e individuais. Já os extrovertidos preferem a velocidade, situações novas, variações nas atividades, companhia, conversa, luzes”, compara o especialista.

Passando do universo profissional para praticantes de academias ou ao ar livre, Meira Jr. afirma que esse tipo de autoconhecimento ajuda a moldar um treino mais adequado a cada indivíduo: com mais ou menos variedade, pausas, intensidade, frequência, com ou sem música, individual, em dupla ou coletivo. “É muito diferente de você receber um treino padronizado. A atividade personalizada se adequa aos traços de personalidade, o que é um jeito de continuar a prática”, analisa.

DO SEU JEITO

A psicóloga Thabata Telles acrescenta, e o professor Cassio Meira Jr. concorda, que há uma série de outras variáveis que influenciam na adesão a um exercício – e em sua manutenção. “A escolha tem que fazer sentido ao perfil pessoal, mas também ser realista para ser executada no cotidiano. É preciso considerar a história de vida do sujeito, suas relações interpessoais e com o próprio corpo e os objetivos com a prática”, explica Telles. A adesão, segundo a profissional, “só vai acontecer de forma efetiva e sustentável a longo prazo, para realmente mudar os hábitos de vida, se a atividade for adequada considerando-se todos esses fatores”, ressalta.

Entre os obstáculos que dificultam a prática de exercícios no dia a dia, aponta Thabata, além dos longos períodos em que passamos sentados em frente ao computador, em carros ou transporte público estão: falta de tempo (que pode ser resultado de má gestão da rotina), pouco investimento do poder público, das empresas e instituições, ausência de condições financeiras e distância de onde a pessoa mora até o local da atividade.

“Muitas vezes, não há lugares onde a pessoa possa praticar uma modalidade que seja acessível a ela, como uma caminhada ou corrida, seja porque não há uma praça, parque ou quadra disponível por perto, seja porque nem a própria calçada está bem pavimentada ou iluminada. Isso sem contar a insegurança e a violência urbana”, pontua.

A vice-presidente da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (Abrapesp) complementa que, acima de tudo, é importante estar aberto(a) à experimentação e que encontrar a melhor atividade física para cada pessoa não é um processo linear, mas complexo. “Recomendo tentar várias vezes, em lugares e horários diferentes, e por um tempo prolongado. Além disso, é mais fácil quando a motivação do indivíduo é intrínseca, ou seja, ele faz porque gosta da atividade, sente prazer e vê sentido naquilo – e não por fatores externos, como perder tantos quilos, caber numa roupa, ficar com x centímetros de bíceps etc.”, defende.

Hoje, segundo Telles, há opções virtuais, individuais ou compostas por grupos pequenos, para você ter um acompanhamento mínimo e acessível. Opções que reverberam nos resultados da pesquisa **Tendências Fitness ao Redor do Mundo**, conduzida pelo Colégio Americano de Medicina do Esporte (ACSM, na sigla em inglês), e publicada no periódico **Health & Fitness Journal**, em 2021. O levantamento revela as atuais preferências em todo o mundo – como aulas online, academias caseiras, exercícios com *personal trainer*, atividades ao ar livre, treinos funcionais e uso de aplicativos e tecnologias vestíveis. ■

(Por Luna D’Alama)



Foto: Kazuo Kojihara

Mexa-se!

DE 17 A 25/09, SESC SÃO PAULO
PARTICIPA DA SEMANA MOVE,
CAMPANHA GLOBAL QUE ESTIMULA
A PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS

Coordenada mundialmente pela entidade não governamental Isca (Associação Internacional de Esporte e Cultura, na sigla em inglês), a **Semana Move** é realizada desde 2013 no mês de setembro,

nas Américas (sob a coordenação do Sesc São Paulo), e em junho, nos demais continentes. Com o objetivo de estimular a prática de esportes e atividades físicas entre todas as faixas etárias e estratos sociais, o evento deste ano ocorre de 17 a 25 de setembro, nas unidades do Sesc São Paulo e em instituições parceiras de 14 países latino-americanos.

A 10ª edição da Move tem como tema *Faça do Seu Jeito*, enfatizando que cada pessoa pode ter uma experiência diferente com o movimento e, ainda assim, manter um estilo de vida ativo e saudável. A programação foi dividida em cinco blocos temáticos (*Move Zen*, *Move Academia*, *Move Esportes*, *Move Água* e *Move Criança*), de modo a incentivar a adesão e a manutenção da prática de exercícios, reduzir o sedentarismo e promover a sociabilização, respeitando a individualidade de cada um.

“Motivado pelo evento, o(a) participante pode identificar a prática que melhor se enquadra no seu dia a dia e que pode estar relacionada aos cursos esportivos do Sesc São Paulo ou às atividades oferecidas por centenas de parceiros (como escolas e clubes) engajados nesse movimento”, destaca Carol Seixas, gerente de Desenvolvimento Físico-esportivo do Sesc. Para Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo, eventos e campanhas que incentivam a prática de atividade física, de maneira diversa e inclusiva, são exemplos do caráter educativo que permeia todas as iniciativas da instituição. “Uma sociedade mais plural e solidária favorece a existência de sujeitos autônomos e conscientes, e o desenvolvimento integral dos seres humanos”, afirma.

Confira alguns destaques da programação.

SESC PINHEIROS

Pedalada Noturna (Lançamento da Semana Move)

Dia 10/09, sábado, às 19h.

Passeio ciclístico pela região da unidade, num percurso de 20 quilômetros. Atividade indicada para todas as idades e níveis de condicionamento.

Pré-requisito: levar bicicleta.

SESC POMPEIA

Esporte e Sociedade

Data 20/09, terça, às 19h.

Bate-papo com o ex-jogador de futebol

Richarlyson e a apresentadora Karine Alves sobre a relação do esporte com assuntos de impacto social, como racismo, homofobia, meio ambiente, diversidade e saúde física e mental.

SESC GUARULHOS

Vôlei com Serginho

Dia 17/9 (sábado), das 15h às 17h30.

O ex-jogador da seleção masculina de vôlei Sérgio Dutra dos Santos, mais conhecido como Serginho ou Escadinha, fala sobre sua trajetória, lutas e vitórias na carreira, que incluem medalhas de ouro nas Olimpíadas de 2004 e 2016 e de prata, em 2008 e 2012.

SESC REGISTRO

Vôlei na Escola, com Nalbert Bitencourt

De 20 a 22/09, terça a quinta, às 15h.

O ex-atleta de vôlei de quadra e de areia, medalhista olímpico e atual comentarista esportivo faz apresentações esportivas da modalidade em escolas municipais das cidades paulistas de Itariri, Pedro de Toledo, Ilha Comprida e Registro.



Foto: Bruna Quevedo



Biopirataria: história e perspectivas

Quando ocorre qualquer tipo de exploração, de maneira ilegal, da biodiversidade e dos saberes tradicionais associados a ela, estamos falando de biopirataria. Nas mídias, recorrentemente, lemos alguma notícia sobre essa prática, sendo o tráfico de animais, como aves e répteis, o que mais ganha repercussão. No entanto, a apropriação indevida de plantas para fins medicinais, alimentares ou cosméticos é tão preocupante quanto o comércio ilegal da fauna brasileira. “Os povos indígenas, ao redor do mundo, têm desempenhado um papel fundamental na conservação e no uso sustentável da biodiversidade. E seus saberes, inovações e práticas sobre as propriedades da fauna e da flora existentes em seus territórios ficaram conhecidos como ‘conhecimentos tradicionais’”, destaca a advogada Fernanda Kaingáng, pertencente ao povo indígena Kaingáng, do sul do Brasil, e membro do Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (INBRAPI). A biopirataria é praticada no território brasileiro desde que os primeiros colonizadores chegaram e passaram a comercializar diferentes espécies naturais, como o pau-brasil e a seringueira. Somente em 1952, quando a Assembleia Geral das Nações Unidas reconheceu o direito de os países disporem livremente dos seus recursos naturais, é que a biopirataria se tornou ilegal. “Esse direito implica o exercício do consentimento prévio informado ao Estado de origem dos recursos naturais, desde que encontrados em seu território ou espaço de jurisdição nacional. Dessa forma, os recursos biológicos do território terrestre – inclusive águas continentais e espaço aéreo nacional – e do território marítimo só podem ser utilizados com a concordância do Estado titular do direito de soberania”, explica o secretário-executivo do Instituto Brasileiro de Direito do Mar (IBDMAR), André de Paiva Toledo, que também é professor do Programa de Pós-Graduação em Direito da Escola Superior Dom Helder Câmara. Mesmo assim, o comércio indevido de plantas e animais, bem como a apropriação ilegal de saberes tradicionais, persistem no século 21. Neste *Em Pauta*, Kaingáng e Toledo tecem suas reflexões sobre o assunto.



Conhecimentos negados, patrimônios roubados

POR FERNANDA KAINGÁNG

O QUE É BIOPIRATARIA?

A variedade de vida existente no planeta inclui plantas e animais e os lugares onde eles se desenvolvem. Essa diversidade biológica, ou biodiversidade, também é fruto da interação do homem no ambiente onde vive, de maneira que o ser humano transformou a natureza ao selecionar determinadas plantas que permitiram o nascimento da agricultura e a domesticação de espécies de animais que pudessem auxiliar nas tarefas mais pesadas ou servir como fonte de proteína na alimentação, em substituição à caça. Assim, diferentes conhecimentos foram desenvolvidos em diversas culturas a partir dos ecossistemas em que habitavam. Foi dessa maneira que conhecimentos sobre as propriedades das plantas e animais para alimentação, saúde e estética foram sendo criados e aperfeiçoados através dos séculos.

A biodiversidade do planeta em que vivemos tem sofrido grandes perdas e o aumento das temperaturas e seus efeitos negativos, como tempestades, enchentes, secas e outros fenômenos climáticos, que surgem em consequência desse aquecimento global, são resultados da falta de equilíbrio ambiental. Considerar a natureza como uma fonte de recursos resulta de uma visão equivocada: o meio ambiente é fonte de vida, não de recursos! Somos parte da biodiversidade e se ela desaparecer, a humanidade pagará um preço muito alto: um preço que pode custar vidas!

Os povos indígenas, ao redor do mundo, têm desempenhado um papel fundamental na conservação e uso sustentável da biodiversidade e seus saberes, inovações e práticas sobre as propriedades da fauna e da flora existentes em seus territórios ficaram conhecidos como “conhecimentos tradicionais”.

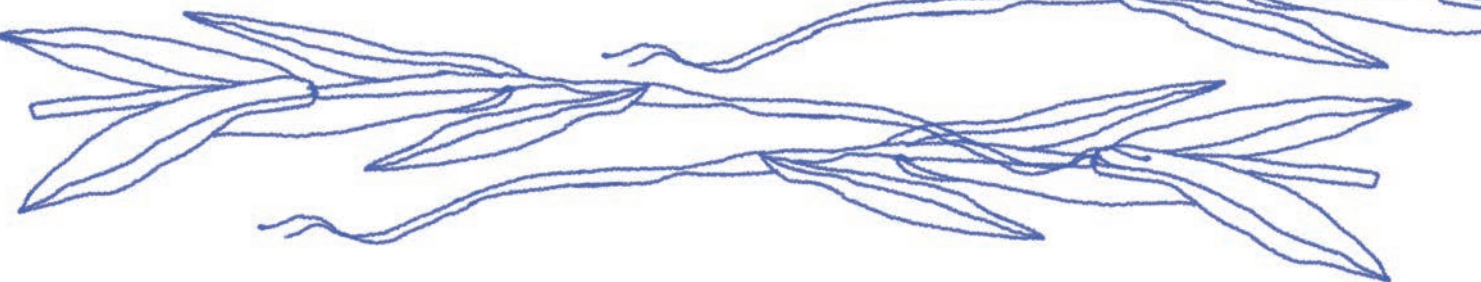
Existem leis nacionais e internacionais que protegem a criatividade humana, em especial quando a capacidade inventiva resulta em uma novidade que pode ser comercializada: um produto ou um processo que pode ser legalmente protegido para que ninguém possa utilizá-lo ou ter acesso a ele sem permissão do seu inventor. Todo um sistema legal foi criado para proteger a propriedade intelectual e os direitos dela decorrentes.

No mundo em que vivemos, a mercadoria mais valiosa não são objetos palpáveis: são as ideias por trás desses objetos. A criatividade humana é responsável por tudo o que vemos à nossa volta: desde a alimentação que consumimos, as roupas que vestimos, os objetos que nos cercam, a casa onde vivemos e as tecnologias desenvolvidas para facilitar tratamentos de saúde, aprendizagem, transporte, comunicação etc.

COMBATE NECESSÁRIO

Em 1992, no Rio de Janeiro, ocorreu a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, conhecida como **Eco-92 ou Rio-92**. Nessa ocasião, países de todas as regiões do mundo se comprometeram a cuidar melhor do planeta e, para isso, celebraram vários tratados internacionais, como a Convenção sobre Diversidade Biológica e a Convenção Quadro sobre Mudanças Climáticas.





É no contexto da Convenção sobre Diversidade Biológica que os países reconheceram, pela primeira vez no cenário internacional, o importante papel dos povos indígenas para a conservação e o uso sustentável da biodiversidade. É também nesse contexto que se comprometeram a reconhecer, proteger e respeitar os saberes, inovações e práticas dos povos indígenas e das comunidades locais – quilombolas, raizeiros, extrativistas, quebradeiras de coco, ervaíras, pescadores artesanais, agricultores familiares, entre outros grupos sociais que mantêm uma relação de dependência e respeito com a biodiversidade na qual vivem e da qual sobrevivem.

É também no contexto dessa convenção que são criados princípios como o direito dos povos indígenas e das comunidades locais a darem o seu consentimento antes da utilização de seus conhecimentos, inovações e práticas sobre a biodiversidade, de maneira livre e devidamente esclarecida; e a receber, em troca dessa permissão de acesso aos seus saberes e fazeres, uma justa retribuição, denominada como repartição justa e equitativa dos benefícios derivados do uso dos conhecimentos tradicionais sobre a biodiversidade.

Assim, a biopirataria é o uso e a apropriação indevida dos saberes e práticas dos povos indígenas e das comunidades locais sobre a fauna e a flora, sem respeitar os princípios do consentimento prévio daqueles que criaram e aperfeiçoaram esses conhecimentos, assim como a comercialização de produtos ou processos utilizando esses saberes, sem o pagamento dos valores devidos a esses povos indígenas e comunidades pelo uso de seus conhecimentos.

A BIOPIRATARIA É O USO E A APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS SABERES E PRÁTICAS DOS POVOS INDÍGENAS E DAS COMUNIDADES LOCAIS SOBRE FAUNA E FLORA

VÁRIAS CONSEQUÊNCIAS

O desrespeito aos direitos dos povos indígenas e das comunidades locais causa prejuízos de diferentes maneiras. As coletividades que produzem esses saberes são excluídas de receber pelos seus conhecimentos e se tornam cada vez mais fragilizadas economicamente: no caso do Brasil, os povos indígenas estão situados na linha de pobreza e suas terras tradicionais, que representam quase 15% do território nacional, estão ameaçadas pelo garimpo e extração de madeira ilegais, pelo avanço das monoculturas de soja e de cana-de-açúcar, pela criação de gado ou por projetos de grandes empreendimentos econômicos, com enormes impactos ambientais e sociais. Toda essa pressão sobre as terras indígenas coloca em risco as áreas mais preservadas e importantes da biodiversidade brasileira que, não por acaso, são os territórios indígenas.

Como consumidores, devemos exigir que a produção de soja, gado, açúcar, biodiesel, café e demais produtos respeite os direitos dos povos indígenas e das comunidades locais e seja ambientalmente sustentável, sem utilização de mão de obra escrava, trabalho infantil, e sem o uso de agrotóxicos que causem danos ao meio ambiente e à saúde humana.

A biodiversidade e a sociodiversidade estão profundamente ligadas: nosso planeta está em crise porque os valores colocados como importantes precisam ser repensados! Uma mercadoria não é mais importante do que uma vida! O respeito aos povos indígenas, às comunidades locais e aos seus conhecimentos tradicionais sobre a biodiversidade faz parte das mudanças que precisamos fazer para transformar nosso planeta em um lugar mais saudável e mais justo. ■

FERNANDA KAIKÁNG, pertencente ao povo indígena Kaikáng, do sul do Brasil, é escritora, artista, advogada, mestre em Direito Público pela UnB e doutoranda em arqueologia pela Universidade de Leiden, na Holanda. Membro do Instituto Kaikáng e do Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (INBRPI).

Biopirataria: uma análise jurídica

POR ANDRÉ DE PAIVA TOLEDO

Quando os Estados europeus chegaram ao impasse mercantilista, a colonização tornou-se a estratégia comum de alargamento espacial do exercício da sua soberania, permitindo que as empresas nacionais tivessem acesso privilegiado à matéria-prima estratégica, mão de obra gratuita e ao mercado consumidor exclusivo. Com o intuito de ordenar o empreendimento eurocêntrico, os Estados colonizadores, não reconhecendo a personalidade dos povos colonizados, puderam criar entre si o direito internacional da colonização, do qual o Tratado de Tordesilhas é um exemplo.

Nesse contexto jurídico, os Estados colonizadores tinham o direito de se apropriar unilateralmente dos recursos naturais encontrados nos territórios ultramarinos, que poderiam ser minerais ou biológicos. Por não serem sujeitos de direito, os povos colonizados não eram compensados pela extração das riquezas naturais encontradas naquelas terras. O Brasil, cujo nome advém justamente de um recurso biológico, é submetido ao direito internacional da colonização em 1500, tornando-se consequentemente espaço de pretensões escravagistas e exploratórias.

A partir do século 19, inspirados nos valores iluministas, motivados a concretizar as promessas da Revolução Francesa, conscientes da sua subjetividade jurídica, os povos colonizados rejeitam a ordem jurídica colonial, pois incompatível com o princípio da igualdade que rege as relações internacionais. Vê-se, assim, consolidar o direito à autodeterminação dos povos como justificativa de enfrentamento – inclusive por meios não pacíficos – da dominação colonial.

A independência política dos povos colonizados não correspondeu, entretanto, à igualdade internacional, pois não foram modificadas as estruturas econômicas de dependência em relação aos Estados colonizadores. As fricções imperialistas culminaram em duas guerras mundiais, que desconstruíram a ordem jurídica então vigente. Em 1945, o estabelecimento do Tribunal de Nuremberg e a criação das Nações Unidas simbolizavam o início de uma nova era jurídica internacional, em que o princípio da igualdade não deveria ser só ilusão.

SOBERANIA NACIONAL

Reforça-se o princípio da soberania nacional sobre os recursos naturais como obrigação geral. A partir de 1952, a Assembleia Geral das Nações Unidas reconhece sistematicamente o direito dos Estados de dispor

livremente dos seus recursos naturais. Esse direito implica o exercício do consentimento prévio informado ao Estado de origem dos recursos naturais, desde que encontrados em seu território ou espaço de jurisdição nacional.

Dessa forma, os recursos biológicos do território terrestre – inclusive águas continentais e espaço aéreo nacional – e do território marítimo – composto por águas interiores, águas arquipelágicas e mar territorial – só podem ser utilizados com a concordância do Estado titular do direito de soberania. A mesma conclusão se aplica aos recursos biológicos marinhos encontrados na zona econômica exclusiva e plataforma continental do Estado costeiro, nos termos da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar.

O consentimento do Estado de origem para o acesso regular aos seus recursos biológicos é base para a celebração de acordos de acesso e partilha de benefícios com outros Estados, especialmente os desenvolvidos, que são, em sua maioria, antigas potências colonizadoras. De fato, nos termos da Convenção sobre Diversidade Biológica, quando há o interesse de transferência transfronteiriça de recursos biológicos, é necessário o acordo entre Estado de origem e Estado de destino. Da mesma forma, quando se trata de acesso aos conhecimentos tradicionais associados aos recursos biológicos, as comunidades indígenas e locais devem também ser consultadas sobre tal utilização, garantindo-lhes a participação na partilha de benefícios.

Esse acordo é especialmente importante para garantir ao Estado de origem a partilha de benefícios da exploração e aproveitamento dos seus recursos biológicos, o que é feito em países com uma estrutura econômica desenvolvida. Sendo a biodiversidade a matéria-prima do setor biotecnológico, o acordo sobre a partilha de benefícios torna-se estratégica para os Estados em desenvolvimento e seus povos, nos termos do Protocolo de Nagoya.

Dentre os benefícios a serem partilhados, valoriza-se a transferência de tecnologia, em uma perspectiva de construção da infraestrutura necessária para a superação da histórica condição de subdesenvolvimento dos Estados. Entretanto, a fim de garantir o acesso livre e gratuito aos recursos biológicos, isto é, acesso sem consentimento prévio e sem partilha de benefícios, a biopirataria torna-se mecanismo estratégico, mas contrário ao direito, para determinados agentes econômicos.

A BIOPIRATARIA É UM INSTRUMENTO DO NEOCOLONIALISMO E, PORTANTO, SÓ SERÁ EFETIVAMENTE COMBATIDA COM UMA AÇÃO ANTICOLONIAL

RESPONSABILIDADE DE QUEM?

No âmbito internacional, a biopirataria consiste em uma série de ações, tomadas em território ou espaço de jurisdição nacional do Estado de origem, cujo objetivo é ter acesso aos recursos biológicos, transferindo-os clandestinamente aos Estados de destino para serem usados como matéria-prima de produtos biotecnológicos. Tudo isso é feito sem o acordo de partilha de benefícios, o que causa dano significativo aos Estados de origem, pois priva-os de condições econômicas importantes ao desenvolvimento social e à efetivação da igualdade internacional.

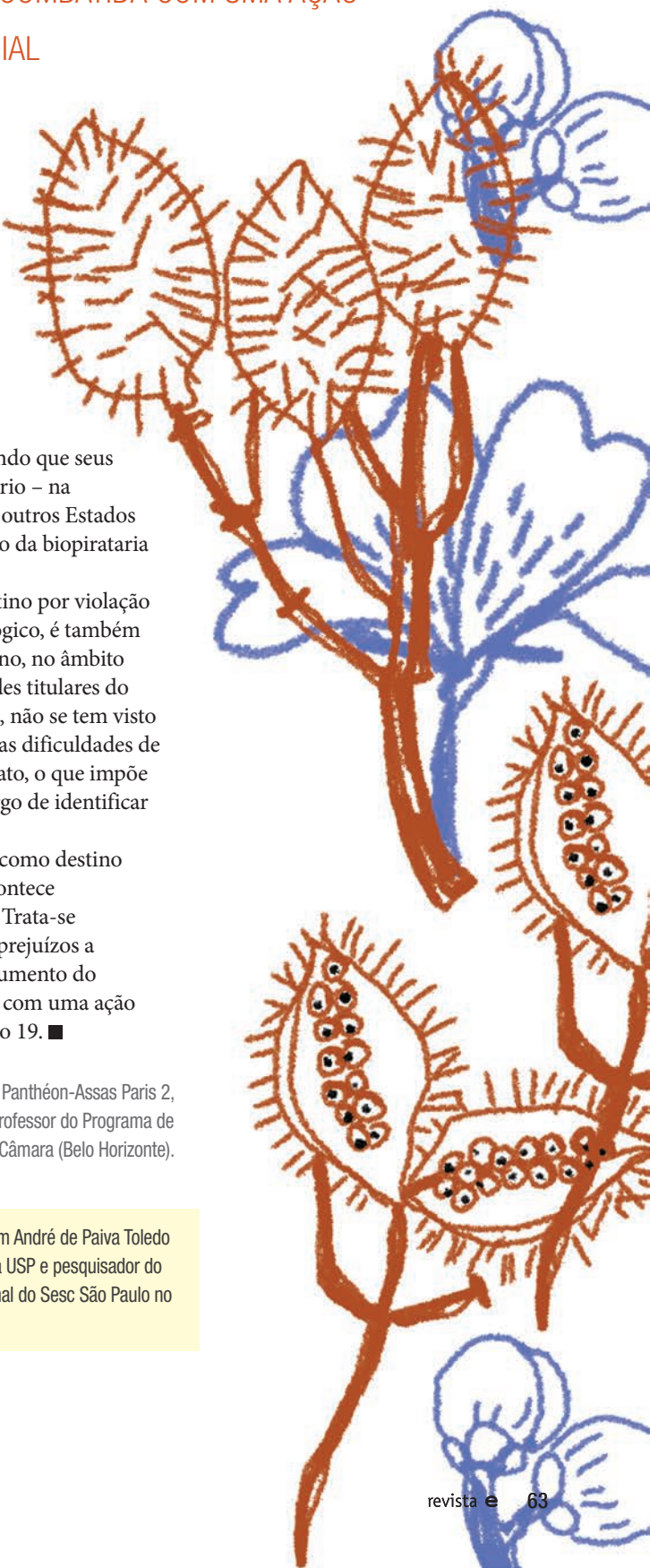
Por faltarem com o seu dever de diligência devida, impedindo que seus nacionais – em casos de extraterritorialidade – e o seu território – na generalidade dos casos – deem causa a danos significativos a outros Estados e comunidades tradicionais, os Estados de destino do produto da biopirataria podem ser juridicamente responsabilizados.

Além da responsabilização internacional do Estado de destino por violação de direito de soberania do Estado de origem do recurso biológico, é também possível a responsabilização internacional do Estado de destino, no âmbito dos direitos humanos, por violação de direito das comunidades titulares do conhecimento tradicional associado à biodiversidade. Porém, não se tem visto ainda a realização dessas possibilidades jurídicas, em razão das dificuldades de prova da biopirataria. O ônus da prova cabe a quem alega o fato, o que impõe aos Estados de origem e às comunidades tradicionais o encargo de identificar a biopirataria e demandar a posterior responsabilização.

Levando-se em conta que a biopirataria internacional tem como destino outro Estado, é fundamental a sua colaboração, o que não acontece normalmente, pois enfrentar a biopirataria não lhe interessa. Trata-se de um sistema que, embora ilícito, garante lucros a poucos e prejuízos a muitos. Pode-se, assim, afirmar que a biopirataria é um instrumento do neocolonialismo e, portanto, só será efetivamente combatida com uma ação anticolonial coordenada, como tem acontecido desde o século 19. ■

ANDRÉ DE PAIVA TOLEDO é doutor em Direito pela Universidade Panthéon-Assas Paris 2, vice-presidente do Instituto Brasileiro de Direito do Mar (IBDMAR) e professor do Programa de Pós-Graduação em Direito da Escola Superior Dom Helder Câmara (Belo Horizonte).

*Para saber mais sobre o assunto, assista ao Sesc Ideias *A Biopirataria*, com André de Paiva Toledo e Fernanda Kaingâng, e mediação de Danilo Cymrot, doutor em Direito pela USP e pesquisador do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo - CPF, disponível no canal do Sesc São Paulo no Youtube: bit.ly/biopirataria-sescideias.



Pelo interesse público

JORNALISTA E COFUNDADORA DA AGÊNCIA PÚBLICA FALA SOBRE PROPÓSITO
E DESAFIOS DO JORNALISMO INVESTIGATIVO NO BRASIL

Quando completou dez anos de formada, em 2011, após ter estreado como repórter no portal *Terra* e migrado para a revista *Caros Amigos*, a jornalista paulistana Natalia Viana foi uma das fundadoras da **Pública**, primeira agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do Brasil. Nas duas décadas de carreira, Natalia publicou diversas reportagens de fôlego sobre temas de interesse público ligados aos direitos humanos, ao meio ambiente, à gestão política e à violência contra camadas vulneráveis da sociedade. Hoje, também preside a **Ajor** (Associação de Jornalismo Digital), que reúne quase 90 associados, entre veículos como *Nexo*, *Metrópoles* e *O Antagonista*. Também é autora, e coautora, dos livros *Dano colateral – A intervenção dos militares na segurança pública* (Objetiva, 2021), *O bispo e seus tubarões – Uma reportagem sobre a deposição de Lugo no Paraguai* (Agência Pública, 2014) e *Plantados no Chão – Assassinatos políticos no Brasil hoje* (Conrad, 2007), dentre outros. Além disso, conquistou importantes prêmios na área, como Vladimir Herzog, Comunique-se, Troféu Mulher Imprensa e o aclamado Gabo, da fundação colombiana criada em 1995 pelo jornalista e Nobel de literatura Gabriel García Márquez. Neste *Encontros*, ela fala sobre sua trajetória profissional, o trabalho na Amazônia e os desafios do jornalismo investigativo num dos países mais perigosos do mundo para essa atividade.



Foto: Bethany Baker

JORNALISMO, UMA ESCOLHA

Eu sempre quis ser jornalista porque gostava de escrever e sempre fui muito curiosa. Esses são dois excelentes motivos, mas, se você é jornalista só por isso, vai enfrentar problemas. Há muitos trabalhos em que você não consegue escrever do jeito que desejaria, ou sobre assuntos de que gosta. Fui [para a faculdade] meio às cegas, não tinha uma referência exata do que era a profissão. Aí entrei no jornalismo, fui para o portal *Terra* (em 2001, 2002, época em que a internet no Brasil estava começando) e depois parei na [revista] *Caros Amigos*. Conheci o Serjão [Sérgio de Souza, fundador da Caros Amigos] e ele me deu um estágio. Sempre fui uma jornalista independente e fiz o jornalismo no qual acreditava.

ENTENDER, ORGANIZAR E CONTAR

No mundo digital, as pessoas não entendem muito bem qual é o trabalho do jornalista. Nosso trabalho é entender, organizar e contar, o que leva muito tempo. E ele só consegue ser feito porque tem alguém que é pago e que passa o dia inteiro fazendo isso. Ou seja, todos nós, hoje em dia, investigamos e pesquisamos coisas que nos interessam. [Mas] as pessoas acham que é fácil. Não acho que a pessoa é um super-herói porque é jornalista, acho que demora tempo e, quanto mais tempo você faz [isso], melhor fica. Vivemos em um ambiente sob pressão [constante], tudo dá a entender que o que você está fazendo é errado, é crime. Isso é muito ruim para a democracia. Nós não temos uma agenda escondida, a única coisa que a gente quer é melhorar a qualidade do governo, da imprensa e do Judiciário. O jornalismo é o melhor aliado dos governantes, pois aponta onde há problema, e o governante vai lá e resolve. É esse o espírito do jornalismo investigativo.

PERSISTÊNCIA E PACIÊNCIA

Entre os jornalistas, tem uma corrente que fala que todo jornalismo é investigativo, senão não é jornalismo. Eu discordo. O jornalismo investigativo é aprofundado, mistura várias técnicas para tentar chegar ao máximo [de detalhes] possível sobre o que aconteceu e tem que ser de interesse público, ter relevância pública. A gente vai ao Portal da Transparência, faz pedido via Lei de Acesso à Informação [Lei nº 12.527/2011], busca informações que não estão óbvias. Ou seja, o jornalismo investigativo é um tipo específico de jornalismo. Você precisa ser muito obcecado e muito chato, é aquele que não desiste, que

O JORNALISMO PRECISA SE ATER AOS FATOS E EVITAR AO MÁXIMO ROMANCEAR OU FAZER SENSACIONALISMO COM HISTÓRIAS HUMANAS

vai ficar tentando de todas as maneiras entender o que aconteceu. É uma pessoa com paciência para esperar e também que é muito cuidadosa, porque não pode sair por aí publicando algo que possa ferir a reputação alheia.

CUIDADOS E RESPALDOS

Uma reportagem na *Pública*, para ficar pronta, demora de três semanas a seis meses. E, quanto mais sensível ela é, mais tempo leva, porque você precisa checar tudo. A gente não só faz uma apuração muito cuidadosa, como também passa

para o nosso departamento jurídico, que revê o que a gente publica, [avalia se a pauta] é realmente de interesse público. Tudo é verificado pelos nossos advogados para garantir justiça naquilo que a gente está fazendo. Então, demora muito. É muito benéfico para o jornalista entender como funcionam as leis. Acho que na faculdade deveríamos aprender mais sobre direito. São dois campos diferentes, mas que têm uma relação muito próxima. Devemos saber o que diz a Constituição, quais são os direitos e o que está sendo violado.

REPERCUSSÃO E ATUALIDADE

Muitas vezes o Ministério Público inicia uma investigação [a partir de uma denúncia da Agência Pública] e acaba tomando uma decisão ou indiciando alguém que foi denunciado. Uma das grandes utilidades do nosso trabalho é que ele é tão embasado que as pessoas [e órgãos] o usam para tomar atitudes. Membros do Congresso e das câmaras legislativas utilizam [nosso conteúdo] para fazer audiências públicas. Há pessoas que usam para iniciar campanhas. Ele tem outro ciclo e outro tempo das notícias [diárias]. Muitas das nossas reportagens, se você ler daqui a cinco anos, ainda vão estar tão atuais, contundentes e importantes quanto [no momento] em que foram escritas.

PAUTAS CONSOLIDADAS

A gente fala muito de corrupção ou violação de direitos humanos. Mas, quando a Agência Pública surgiu, em 2011, não se falava em violência obstétrica, mal se falava sobre machismo. A gente começou a levantar alguns temas que hoje em dia já são muito normalizados. Apontamos os problemas que estão na sociedade. No caso do machismo, ele é muito profundo e tem intersecção de raça e status social, o que piora a situação. Nas pautas sobre machismo, violência de gênero, assédio no trabalho e assédio sexual, há uma aceitação muito maior hoje em dia do que dez anos atrás. A briga da nossa geração é vencer isso. E uma das missões da Agência Pública é construir a igualdade de gênero.



As taxas de desmatamento da Amazônia ainda são alarmantes, segundo dados mais recentes do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), divulgado em agosto passado.

INDUSTRIALIZAÇÃO DA MENTIRA

Nos últimos cinco anos, houve uma industrialização da mentira, coordenada por grupos organizados que atuam nas redes para espalhar versões falsas dos acontecimentos. Isso é feito para beneficiar certos atores: pode ser uma empresa, um político local, regional, federal. Acompanhando as redes e fazendo jornalismo investigativo, você consegue ver como essas narrativas são usadas para influenciar as pessoas. Isso é transmitido não de maneira orgânica, mas coordenada. Inclusive, muitas vezes acontece com a ajuda de robôs, de algoritmos [*Leia o Encontros com Issaaf Karhawi, publicado na Revista E nº 309, de julho de 2022*]. E aí, o boato e a mentira vêm tão forte que muita gente acaba acreditando e fica difícil desmentir, uma vez que a mentira já está consolidada.

COBERTURA NA AMAZÔNIA

A Amazônia sempre foi prioridade para a *Agência Pública*. Por ser a maior floresta do mundo, pelo papel no equilíbrio do clima do planeta, e também por ser o habitat de culturas que vêm sofrendo etnocídio em toda a América. Quando ocorreu o crime com Dom [Phillips, jornalista britânico] e Bruno [Pereira, indigenista e ex-funcionário da Fundação Nacional do Índio – Funai, ambos assassinados no Vale do Javari, em junho], mandamos quatro jornalistas para passar

um mês na região. Esperamos que isso mude, porque a gente precisa preservar a floresta. E não só por nós, brasileiros, mas por toda a humanidade. Temos que ter o máximo de olhos na Amazônia.

FORMAS DE APURAÇÃO

Muitos jornais deixaram de fazer cobertura presencial, de enviar seus jornalistas, por questões financeiras. Mas, por outro lado, estão nascendo veículos digitais nativos em vários lugares do país. São jornalistas locais, formados em faculdades locais, federais, e que estão fundando seus próprios meios, com um conhecimento muito grande sobre a região. Quando um assunto é muito relevante e você só pode fazer a cobertura por telefone, você faz [*assim mesmo*]. Essa não é a melhor prática, mas acredito que todo mundo tem que cobrir [*grandes temas, como*] a Amazônia. O ideal seria termos uma sociedade que incentivasse o jornalista, tanto o [*profissional*] local quanto o investigativo, que se prepara e faz uma apuração aprofundada *in loco*. ■

NATALIA VIANA esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 27 de julho de 2022.



*Ouça, em formato de *podcast*, a conversa com a convidada. A mediação do papo é de Adriana Reis Paulics, jornalista e editora da *Revista E*.



Semana MOVE

Faz do seu jeito!

***Programação gratuita
em todas as unidades.***

***17 a 25
de setembro
de 2022***

***Aulas abertas, treinos, torneios,
bate-papos, corridas, atividades
aquáticas e experimentações de
diversas modalidades esportivas.***

***#SemanaMove2022
#SemanaMoveFazDoSeuJeito***

***Saiba mais em:
semanamove.com***

INICIATIVA:



APOIO:



COORDENAÇÃO:



Virginia em mim

ATRIZ E ROTEIRISTA VOLTA AOS PALCOS DO TEATRO COM MONÓLOGO
SOBRE A ESCRITORA BRITÂNICA VIRGINIA WOOLF

Esta história termina num rio. Ou melhor, começa nas águas caudalosas do rio Ouse, na Inglaterra de 1941, quando a escritora Virginia Woolf decide morrer. Tendo esse episódio como espinha dorsal, Cláudia Abreu empresta corpo e voz à autora de *Mrs. Dalloway* (1925), guiando os espectadores de *Virginia*, monólogo que estreou em julho, no Sesc 24 de Maio. Sob direção de Amir Haddad, a atriz interpreta seu primeiro texto dramático e reencontra a escritora cuja obra havia conhecido no palco, aos 18 anos, quando encenou uma adaptação do romance *Orlando* (1928). Depois de 36 anos dedicados ao teatro, cinema e televisão, Cláudia, que também é graduada em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), veste-se de Virginia. No palco, dá vida a uma das precursoras no uso do fluxo de consciência – técnica modernista que marcou a literatura do século 20. Aliás, a atriz e dramaturga também adota esse mesmo fluxo de idas e vindas no tempo e na alternância de personagens narradores para que o público acompanhe as dores, as descobertas e a genialidade de Virginia Woolf. “Foi tudo inédito para mim, porque eu nunca tinha escrito uma peça e nunca tinha estado em cena sozinha. Comecei a escrever, na verdade, dentro de mim, a partir do momento em que comecei a dialogar com a Virginia”, conta à *Revista E*. Neste *Depoimento*, Cláudia Abreu compartilha como foi o processo de criação do monólogo, fala sobre a literatura como companhia, e ainda filosofa sobre lucidez, loucura e finitude.

COMO UM PUNHAL

Foi tudo inédito para mim, porque eu nunca tinha escrito uma peça e nunca tinha estado em cena sozinha. Comecei a escrever, na verdade, dentro de mim, a partir do momento em que comecei a dialogar com a Virginia (Woolf). Eu já queria escrever sobre fluxo de consciência e, por isso, fui atrás de uma professora de literatura. Eu já fazia aula (de escrita), produzi *Valentins* [série infantojuvenil para a televisão, que estreou em 2017] – e vinha escrevendo, também, na faculdade de filosofia. Então, tudo isso foi se somando dentro de mim. Aí, quando comecei a ler Virginia com mais atenção, para entender essa coisa do fluxo que transita no tempo, comecei a me identificar com ela de uma maneira muito mais profunda e a entender que a relação que eu tinha com a obra dela, e com ela, ia além de entender a questão técnica e literária do fluxo de consciência. Comecei a me identificar muito com a obra dela, com sua visão de mundo, de existência... Com as observações que ela fazia e que eram punhais que entravam de maneira avassaladora e profunda em mim.

MEU PROCESSO
DE ESCRITA VEIO
DESSE INVENTÁRIO
QUE EU FIZ SOBRE
MIM, SOBRE O QUE
ESTAVA MAIS FORTE
DE VIRGINIA EM MIM

PROCESSO CRIATIVO

Você lê, lê e lê para, então, escrever. Você se imbuí de muita pesquisa, algo que foi muito prazeroso e natural. Era simplesmente ler tudo sobre ela (Virginia Woolf), ler a obra dela. Então, a escrita foi o que tinha ficado de mais marcante em mim, sobretudo de vida e obra. E o que era esse conteúdo? Era o humano. Eu queria falar sobre o ser humano, e que podia ser Virginia Woolf, como podia ser minha vida ou a sua. O que faz isso diferente é ela, que apesar de todas as características, de todas as adversidades internas e externas, conseguiu construir uma obra brilhante. Ela conseguiu superar. Acho que isso também dá outra dimensão ao humano, que é poder ter dúvidas sobre si mesmo, sobre sua sanidade. Você pode ter dificuldades para ter acesso a conteúdo e ao conhecimento por ser mulher numa determinada época; você pode ter dúvidas sobre seu trabalho e até sobre seu talento literário, mas ela transformou tudo isso em literatura e revolucionou. Então, meu processo de escrita veio desse inventário que fiz sobre mim, sobre o que estava mais forte de Virginia em mim. E aí, isso veio à tona através da escrita, da oralidade, de quando eu gravava improvisações ou áudios. Veio exatamente isso que é o princípio do teatro: um ser humano diante de outro ser humano. O meu humano diante do humano dela, e que conversa haveria entre nós.



Foto: Matheus José Maria



EXCESSO DE LUCIDEZ

O conceito de normal varia de tempos em tempos. Na época de Shakespeare, não era normal uma mulher escrever nem ser atriz – os homens faziam papéis de mulheres. A própria Virginia, em *Um teto todo seu* (1929), imagina como seria se Shakespeare tivesse uma irmã, e se ela fosse genial. Assim como na época de Virginia, não era normal que ela tivesse desejo por outra mulher. Então, o que é o normal e o que dita o normal? O normal aqui no Brasil é diferente do normal no Afeganistão, na China. O normal varia de tempos, de lugares. Ao mesmo tempo, existe o lugar do normal que tem muito a ver com o lugar político, com o lugar onde você vive e também com as religiões. Eu falei isso numa entrevista: “O normal é você não apresentar riscos para a sociedade, né?”. O normal é ser igual a todo mundo, é não ter uma opinião diferente, é não arriscar, é ser previsível e fazer parte daquele grupo. Isso é tido como normal. Ao mesmo tempo, se você for ampliar isso para lucidez e loucura, você fala: Bom, o que é ser normal? É ser lúcido a ponto de entender que eu tenho que fazer parte desse grupo sem me destacar, sem ter nada que me desabone, que me coloque em risco. Ou excesso de lucidez é perceber o quanto isso é absurdo, o quanto você tem o direito a ser quem é e a pensar diferente, e isso está associado à loucura? Quando você fala verdades, quando você fala que “o rei está nu”? Aliás, essa foi a primeira peça que eu fiz na vida [frase dita no conto *A Roupas Nova do Rei*, do dinamarquês Hans Christian Andersen e publicado em 1837]. É excesso de lucidez poder falar o que você está vendo? Muitas vezes, você é considerado louco por falar a verdade ou por ser “inconveniente”. Quantas pessoas foram consideradas loucas simplesmente porque eram diferentes?

FILOSOFIA PRESENTE

A filosofia sempre existiu em mim de uma maneira natural porque sempre fui muito reflexiva. Uma das lembranças mais antigas que tenho é na escola, criança, olhando para o céu e perguntando:

“Mas, onde é que eu estava antes?”. Perguntas bobas, básicas, e que para mim batiam de uma maneira mais profunda. Aos 20 e poucos anos, eu tinha um grupo de estudos de filosofia, antes de fazer faculdade, e isso abriu muito a minha cabeça. Só que quando comecei a fazer teatro, na adolescência, já fui chamada para fazer televisão. Tinha 16 anos no curso de teatro no Tablado [escola brasileira de teatro fundada em 1951, no Rio de Janeiro, pela escritora e dramaturga brasileira Maria Clara Machado], quando foram lá me assistir. Eu fazia *O Despertar da Primavera* (em 1986) e já me chamaram para fazer televisão. Então, quando terminei o ensino médio, eu já estava totalmente envolvida com a minha profissão e naquele momento não fazia sentido prestar vestibular. Mas, eu falei: “Quando eu entrar numa faculdade, vai ser para estudar alguma coisa que eu escolha num momento mais calmo” e, de fato, isso aconteceu. Eu já tinha 29 ou 30 anos quando engravidei e resolvi fazer um vestibular e passei para filosofia. Tem filósofos que você adora ler, mas não necessariamente concorda com eles. Platão é um deles para mim. Eu acho muito interessante não ter que ficar seguindo a doutrina de ninguém, filosoficamente falando. Porque, na verdade, filosofia não tem resposta, só tem perguntas. E o bom é isso: estar sempre perguntando e não perder aquele espanto inicial da filosofia de estar sempre renovando seu olhar e não se contentar com o que é dado.

LITERATURA, UMA COMPANHIA

Falo muito para os meus filhos: “Se você consegue ficar com você mesmo, isso já é uma grande salvação da dificuldade que todos temos com a vida, com a existência”. O principal é conseguir ficar bem com você e não depender de outra pessoa. E o melhor caminho para isso é ter um bom livro. Então, todas as vezes que eu consigo estar nesse universo, participando de uma história literária que anda paralelamente à minha vida, tudo se torna muito melhor. Porque eu tenho a realidade, que é maravilhosa, terrível e tudo mais, mas eu tenho também a saudade daquela história, daquelas pessoas, daquele universo que vou reencontrar no momento em que eu tiver tempo de pegar meu livro. Quando você entende isso é uma maravilha! Muitas vezes a vida corrida não permite que você tenha tempo e concentração suficientes para, de fato, ter esse encontro contínuo com a boa literatura. Muitas vezes você é sugado pela rotina, está cansado à noite e quer ver uma série, um filme ou qualquer coisa que descansa a sua cabeça. Porém, quando é possível ter essa concentração e esse tempo necessários, nada é melhor que a literatura. Você não precisa de mais nada.

FIM OU (RE)COMEÇOS?

Acho que a minha relação com a finitude é como a de todos nós: não queremos a finitude. Ao mesmo tempo, seria insuportável não haver finitude. Ou seja, essa é uma contradição: viver eternamente seria uma angústia mas, ao mesmo tempo, a vida passa tão rápido. Quando escrevi a monografia da graduação em filosofia, falei sobre o “eterno retorno” [*teoria do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) que diz que tudo já existiu e tudo voltará a existir, ou seja, cada instante retorna infinitas vezes*] e não é à toa que essa coisa do tempo coexistente me afeta tanto. Não é à toa que a peça tem essa estrutura cíclica. Ela não é linear. Porque me interessa essa ideia, que também existe na física quântica, de que a vida não é exatamente tão linear assim como nos fizeram acreditar. Quero acreditar que há algo maior do que isso, entende? Que não há só essa dimensão, mas várias dimensões, e que existem sutilezas nisso. Pensar na possibilidade de que pode existir uma coexistência no tempo e que espiritualmente isso é muito interessante também. Eu não tenho religião nem sou uma pessoa ligada a dogmas, mas eu me interesso por todas, assim como me interesso por todos os filósofos, mesmo aqueles que não têm tanto a ver comigo, como Kant – ainda assim, tem coisas geniais da obra dele que ficaram em mim [*Immanuel Kant (1724-1804) foi um filósofo alemão, fundador da “filosofia crítica”, sistema que buscou determinar os limites da razão humana*]. Eu

gosto de garimpar nas religiões e nas filosofias a minha visão de mundo. Não tenho uma visão concreta, fechada, pelo contrário, sempre tento entender mais e melhorar a mim mesma, meu olhar e tudo mais sobre a vida. Quero deixar esse conceito (de finitude) em aberto, para não ser tão terrível a existência.

DIMENSÕES DA ARTE

A arte te tira desse real e te dá outras dimensões. A gente, às vezes, fica com essa visão muito chapada da realidade, com as suas necessidades imediatas de trabalho, de ganhar dinheiro, de cuidar dos filhos... Você está sempre numa gincana muito prática, mas, a partir do momento em que você entra no teatro, abre um livro, vê um filme, ouve uma música, é como se os seus sentidos se alargassem. Como se você pudesse ter o alívio de sair dessa vida prática para uma vida sensorial e enxergar outras formas de viver. Às vezes é um *insight*, assim como na filosofia, uma frase que você escuta e que muda tudo. Às vezes é uma música que você escutou e aquilo te invadiu num dia, no carro, e mudou seu dia. Assim como quando você vai ao teatro: se sair com reflexões dali, ou se aquilo de alguma maneira te tirar da realidade positivamente, se aquilo te fizer pensar outros ângulos ou, simplesmente, te der um prazer momentâneo... Porque você pode até não sair refletindo, mas se durante uma hora você puder sair de si um pouco, descansar de si mesma, já é tão bom, né? ■

FILOSOFIA DE CABECEIRA

Beauvoir Presente, de Julia Kristeva

Edições Sesc São Paulo (2019)

Nesta obra, a autora se debruça sobre a atualidade da escritora e filósofa francesa Simone de Beauvoir, que marcou a metade do século 20 com a publicação de *O segundo sexo*, um tratado sobre a condição das mulheres no período.

Mutações: Entre Dois Mundos, Adauto Novaes (org.)

Edições Sesc São Paulo (2017)

Este livro, que retoma os temas discutidos ao longo de 30 anos de conferências realizadas por Adauto Novaes, traz ensaios que refletem sobre as mutações que o tempo proporciona, delineando a confluência entre um mundo que definha e outro que ainda não começou.

A Aventura de o Método e Para uma Racionalidade Aberta, Edgar Morin

Edições Sesc São Paulo (2020)

A aventura do método sintetiza a trajetória intelectual de Edgar Morin. A imagem simbólica do banian – figueira originária da Ásia tropical cujos galhos, ao caírem na terra, transformam-se em novos ramos – remete ao próprio objetivo do método: produzir novas arborescências, distintas e inseparáveis do eixo central do qual saíram.



Edições Sesc SP/Divulgação

Os dias contados

ERA INÚTIL ESTARMOS BEM PERTO UM DO OUTRO, PERMANECÍAMOS COMO
TRÊS SERES ISOLADOS QUE VEEM A NOITE PELA PRIMEIRA VEZ.

RAINER MARIA RILKE

Antes do ponto em que pudéssemos voltar a sonhar, era inútil ter esperança.

Nascido em maio de 2020, quando minha incompleta cabeça mal acabara de apontar para o mundo, desde o escuro da extensão do corredor cósmico, fui de encontro à sedução que é a esperança: ela era feita de duas cabeças – auréolas de ouro –, cabelos compridos, cheiro divino e bom que é o diabo – apesar de todo aquele sangue escorrendo solto.

Mas estranho mesmo foi me enfiarem rosto abaixo em uma daquelas cabeças com um bico vistoso na frente, e eu, subindo e descendo a boca, enquanto sugava aquele suco gostoso.

Não eram tantas pessoas falando ao meu redor enquanto eu chorava ou rugia, mesmo depois daquele acalantozinho, bem parecido com o que eu sentia antes de beijar a luz. Fiquei feliz quando alguém cortou meu cordão. Uma força me perpassou de cima a baixo, como se pusessem potência de liberdade dentro de mim, o corpo querendo dizer suas próprias palavras em forma de movimento e som.

E logo quando subi meus olhos – ainda que sem uma imagem clara – à direção dos olhos sobrenaturais de minha mãe, adormeci. E sonhei.

Tem gente que acha que bebês não sonham. Não só sonhamos, como é o lugar que inteiro nos cabe; a *montanha mágica* de nossa mais importante formação. Que é diferente, paradoxal, de trás pra frente. Aquilo que acontece nesses primeiros momentos de vida é determinante para todo o resto. Se algo der errado nesse ponto, a impossibilidade de muitas coisas lá na frente nos acena.

Imaginem como a nossa mente funciona, como se dá o nosso sonhar, enquanto nos deleitamos com nossa cota diária de 18 horas de sono. Ninguém vai produzir tanta imaginação como nós, recém-nascidos.

Mas voltando ao sonho: acho que ele era apenas feito de água caindo sobre mim. Talvez a água do meu primeiro banho.

Como fui informado das notícias assim que tomei esse banho, todos usando um tal de celular, tomei nota de uma coisa nada boa que senti através de meus impacientes pais, que não saberão o que fazer comigo nos próximos dias e meses e anos. Eles, alarmados, diziam e pensavam: havia uma tal de pandemia mortal em curso. Contavam cada dia como passos em direção a um futuro prenhe de incertezas.

Ilustrações: Luyse Costa



Meu pai havia caminhado no dia anterior, à noitinha. Sem luz no parque, viu uma estranha aparição à sua frente. Mais temeroso que o envenenado atual presidente de um Brasil alucinadamente imaginário, o que ele viu era um pequeno ser, que nem nascido era. Ele disse que, logo depois, disparou na caminhada e correu. Errou um caminho e veio sem querer parar no hospital. Errar é revelar-se.

Era inútil estar bem enquanto os cavalos doidos todos estavam soltos, dizia, na salinha que só permitia a presença dos pais e médicos.

Inútil ir pra outro mundo também. Deves ficar aqui, pai, de pé, e aguentar essa jornada.

Aguentar esses demônios, que tentarão à distância provocar-nos a dor mais aguda. Outros farão que a aglomeração mais intensa aprofunde a sensação de isolamento e tormento. A saída da pandemia despeja-nos uma falta de paz, com muitos se sentindo mais isolados que antes.

Meu pai, nascido em 1978, é quem deveria ter sonhado esse sonho. Esses adultos não sabem mais sonhar. Quer dizer, quando falam em imaginação, é porque foram sonhados pela gente.

E o incrível é que fomos sonhados por eles. Após alguns dias nesse mundo, ouvi de minha mãe que meu pai, já há algum tempo, perdera a capacidade de ter esperança por ter visto demais.

O que será dele então, com nossa presença? Estes pequenos seres, aparições da esperança, com seus olhos brilhantes... Como compensação, podem arrastá-los à outra margem? Não à terceira margem do rio ou qualquer terceira via; mas para um mundo em que a casa feita de barro era o bairro, e o bairro era a cidade, e a cidade o nosso país. E o país era o mundo, e por pedra chamávamos Terra. E por toda e qualquer pedra chamamos eternidade.



É esta pedra-barco que partirá para sempre. Nininin. Me fara niná. À noite. Em claro. No teatro dos sonhos. De onde um navio sempre parte. E olhamos pra trás com os lenços balançando ao vento com saudades do que fomos e não fomos.

E não falo em nostalgia. Com algumas semanas de vida, ouvi meu pai falar de Hannah Arendt; da precaução necessária que devemos ter quando um político desperta a nostalgia em vez de falar do futuro e ofertar esperança. E como falar sobre volta às origens sempre pode acabar em fanatismo e totalitarismo. É de um outro tipo de esperança que precisamos.

Talvez um “torna-te quem tu és”, grande máxima de Nietzsche. Ver para dentro. *Insight*. E o que não falta em mim é desejo e sonho. Por e para isso vale a pena lutar. Talvez junto ao meu pai, quem sabe...

Ouçó dele, à medida que cresço, que aquilo que acontece hoje no Brasil é um ataque sádico invejoso contra a liberdade. Alardeiam e vangloriam-se que o que fazem é em prol dela, mas tudo o que fazem é atacar toda e qualquer liberdade.

Por isso os bebês não precisam enxergar no começo da vida. Iria mais confundir do que revelar. Poderiam nos acusar de mais inveja – uma espécie de “olho-gordo”, já que o primeiro objeto da inveja seria o seio nutridor. O sentimento mui raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável – esse impulso invejoso que é o de tirar este algo ou de estragá-lo –, caracteriza muito bem, segundo meu pai, essa turma de maloqueiros que assumiu o poder. Para tais desalmados, e desamamentados, alguém sempre esteve “mamando” antes deles, alguém sempre está vivendo na “mamata”.

Pois bem, nós, bebês, não temos tanta inveja e voracidade. Só queremos amor. E sentimos tudo, vocês nem imaginam. Quando nascemos, vocês contam cada dia, pois cada um deles merece ser vivido. Com as rajadas do tempo, passam a contar pela metragem dos anos. E vinda a velhice ou a rabugice, olham para o passado e perdem as contas, a empatia, a cabeça e todos os temores. ■



CAIO GARRIDO é psicanalista e escritor. Tem cinco livros publicados, entre romances, poemas e crônicas, sendo o último o recém-lançado *Paniricocrônicas: Crônicas dos Sonhos em Tempos de Pandemia* (Patuá, 2021), fruto de projeto e obra contemplados pelo programa ProAC (da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo).



DISPONÍVEL NA LOJA SESC



Caixa com **6 CDs** traz encartes com fotos, fac-símiles e dados sobre a pesquisa coordenada por **Mário de Andrade** para a catalogação de músicas, danças e outras manifestações regionais brasileiras.



DISPONÍVEL NAS PLATAFORMAS

Sesc
digital



selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja



/selosesc



Relaxar é preciso

Dentro da “selva de pedra” paulistana, ou próximo dela, há espaços abertos cercados de verde, pássaros e de um silêncio convidativo ao descanso. São pequenos ou grandes recantos onde é possível desligar-se da rotina corrida e do caos urbano, reconectar-se com a natureza e, por que não, até meditar. Para atingir esse estado de concentração, com foco no presente, não é preciso se fechar num quarto escuro: pelo contrário, pode ser ao ar livre [*Leia mais na reportagem A vida em equilíbrio, publicada na Revista E nº 264, de julho de 2018*]. E a chegada da primavera, a partir do dia 22 deste mês, outro convite à contemplação, à respiração consciente e às práticas de relaxamento e meditação. Pensando nisso, o *Almanaque* indica seis lugares na cidade de São Paulo, na região metropolitana e no litoral, com visitação gratuita, para você olhar para dentro de si e relaxar.

Foto: Luna D'Alama



IMERSÃO BUDISTA

Templo Zu Lai – Cotia (SP)

Após dois anos fechado por conta da pandemia, o maior templo budista da América Latina, de origem chinesa, reabriu suas portas em maio, com limitação de 500 pessoas por dia. Localizado há quase duas décadas em uma área de 150 mil metros quadrados, o Zu Lai reúne um enorme pátio, salas de cerimônia e meditação, lago com peixes, jardins, exposições, esculturas, restaurante vegetariano, café, entre outros espaços. Praticantes de artes marciais, como kung fu e tai chi chuan, também utilizam o lugar para treinar. Na entrada, é obrigatório usar máscara, apresentar comprovante de vacinação contra Covid-19 e passar pela medição de temperatura. Saiba mais: templozulai.org.br ou (11) 3500-3600.



Foto: Vagner Santos

Serviço

ENDEREÇO: Estrada Fernando Nobre, 1461, Parque Rincão (acesso pelo km 28,5 da Rodovia Raposo Tavares), Cotia - SP.

FUNCIONAMENTO: De sexta a domingo. Sextas, das 12h às 17h; sábados e domingos, das 9h30 às 17h. Não é necessário agendamento.

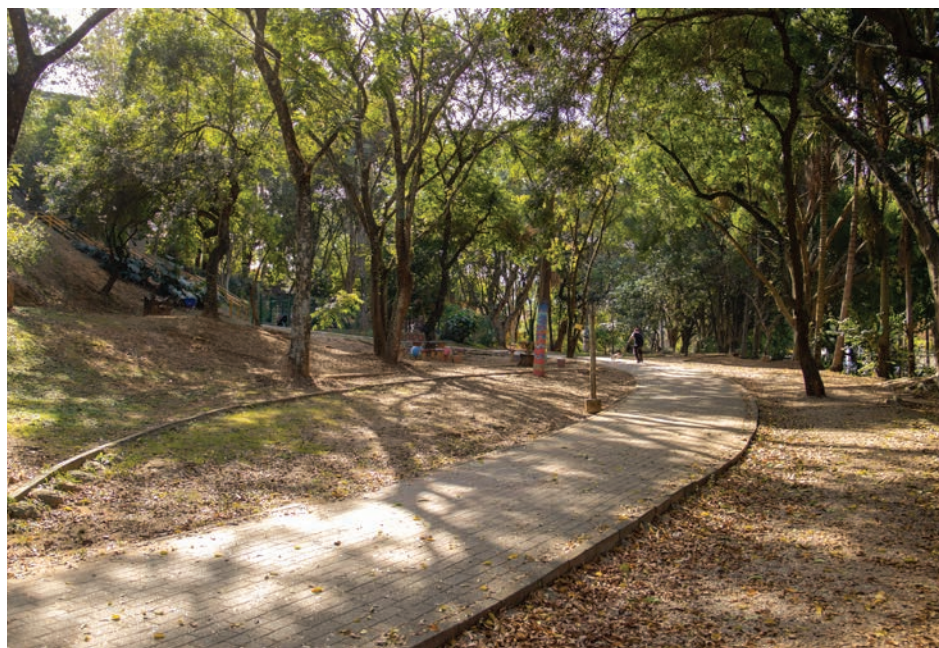


Foto: Thito Cassimiro

Serviço

ENDEREÇO: Avenida das Corujas, 39, Vila Madalena, São Paulo - SP.
FUNCIONAMENTO: Ininterrupto.

PAUSA URBANA

Praça das Corujas – Vila Madalena (Zona Oeste)

A Praça Dolores Ibárruri, mais conhecida como Praça das Corujas, foi inspirada num projeto ecológico implementado na cidade de Seattle, nos Estados Unidos. Nela, os visitantes podem caminhar ou correr por entre árvores frutíferas (como amoreiras e abacateiros), andar de bicicleta, usar aparelhos de ginástica, brincar com as crianças no parquinho, passear com seus cachorros ou desfrutar de um piquenique. Envolto por passarinhos e espécies da Mata Atlântica, o espaço

também inclui uma horta comunitária, mantida por moradores voluntários. A praça é cortada, ainda, por um córrego de água limpa que desemboca no Rio Pinheiros. Informações: [facebook.com/PracadasCorujas](https://www.facebook.com/PracadasCorujas) e bit.ly/praca-corujas.

SHHH...

Trilha do Silêncio – Parque Estadual Jaraguá (Zona Norte)

Das quatro opções de trilhas que o parque oferece, essa é a mais leve, com duração de até 30 minutos para um percurso linear de 400 metros. Ao longo do caminho autoguiado, é possível observar espécies nativas da fauna (macaco-prego, bicho-preguiça e tucano-do-bico-verde) e da flora (palmito-juçara, guapuruvu e ipê-amarelo), com árvores centenárias. O local tem capacidade para receber até 500 pessoas por dia e é uma das primeiras trilhas paulistas acessíveis a pessoas com deficiência (PCD). O agendamento só é exigido para quem quiser usar os **quiosques com churrasqueiras**, que são pagos. Mais detalhes: bit.ly/PEjaragua, pe.jaragua@fflorestal.sp.gov.br ou (11) 3945-4532.



Serviço

ENDEREÇO: Rua Antônio Cardoso Nogueira, 539, Vila Chica Luisa, São Paulo - SP.

FUNCIONAMENTO:
De terça a domingo,
das 7h às 16h.



Fotos: Acervo Fundação Florestal



Foto: Adriana Vichi

SUSPENDERAM OS JARDINS

Jardim Suspenso – Centro Cultural São Paulo (Zona Sul)

Um respiro verde em torno do concreto dos prédios e das movimentadas Rua Vergueiro e Avenida 23 de Maio, o Jardim Suspenso do CCSP é um espaço onde é possível tomar sol, fazer piquenique, ouvir música, ler um livro, ficar em silêncio e refletir sobre a vida. Em eventos específicos, o local também abriga sessões de cinema, shows de bandas e opções gastronômicas. Os visitantes costumam sentar-se nos bancos disponíveis, em cadeiras de praia, sobre cangas ou direto no gramado. Desde 2013, há também uma **horta comunitária**, de cultivo agroecológico, aberta à visitação. Ela é cuidada coletivamente por voluntários que promovem mutirões eventuais aos finais de semana.

Serviço

ENDEREÇO: Rua Vergueiro, 1.000, Paraíso, São Paulo - SP (acesso pela estação Vergueiro do metrô, da Linha 1-Azul). FUNCIONAMENTO: De terça a domingo, das 11h às 18h.

CAMINHOS CIENTÍFICOS

Trilhas de Darwin – Sesc Interlagos (Zona Sul)

Parte da programação da mostra *Darwin, O Original*, que fica em cartaz até dezembro na unidade, essa trilha de 400 metros, situada entre o Bosque das Araucárias e o campo de futebol, convida toda a família a ouvir os sons da Mata Atlântica, observar borboletas e pássaros (como bem-te-vi, sabiá-laranjeira, joão-de-barro e corruíra) e conhecer de perto espécimes que o naturalista inglês, autor da teoria da evolução, viu com os próprios olhos em 1832, em sua passagem pelo país [***Leia na reportagem Darwin no Brasil, publicada na Revista E nº 305, de março de 2022***]. Ao longo do passeio autoguiado, há notas evolutivas sobre as aves, seus habitats e hábitos alimentares, num projeto feito em parceria com o Avistar Brasil. Após o término da exposição, a trilha se manterá com o nome de Mirada das Aves. Conheça: www.sescsp.org.br/interlagos.

Serviço

ENDEREÇO: Av. Manuel Alves Soares, 1.100, Parque Colonial, São Paulo - SP.
FUNCIONAMENTO: De quarta a domingo e feriados, das 9h às 17h.



Foto: Mathaus José Maria



Foto: Adriana Vichi

SENTIDOS AFLORADOS

Trilha do Sentir – Reserva Natural Sesc Bertioga (Litoral norte)

Inaugurada em 2021, dentro de uma área de 60 hectares de floresta de alta restinga, onde vivem mais de 580 espécies de plantas e animais, a Trilha do Sentir é voltada a diversos perfis de público, como crianças, adultos e idosos, incluindo pessoas com deficiência física ou intelectual. No trajeto pelo arvoredo, que tem 950 metros e recebeu esse nome em votação aberta nas redes sociais, é possível vivenciar uma experiência imersiva e sensorial na rica biodiversidade da reserva. Com pisos e corrimãos em madeira, o local está sinalizado com placas interpretativas, possui recursos de acessibilidade (como textos em braille e alto contraste) e conta com a mediação de educadores ambientais. [***Leia mais na reportagem Ampliar Sentidos, publicada na Revista E nº 309, de julho de 2022***, e veja imagens na ***matéria Gráfica Para Contemplar e Cuidar, publicada na Revista E nº 298, de agosto de 2021***]. Reservas e informações: www.sescsp.org.br/trilha-do-sentir.

Serviço

ENDEREÇO: Av. Francisco Soto Barreiro Filho, 1.117, Maitinga, Bertioga - SP.
FUNCIONAMENTO: De quarta a domingo. Quartas, às 9h e 14h. Quinta a domingo, às 9h, 11h e 14h.

VUELVE, MIRADA!

“O Mirada vai voltar?!” Essa era a reação meio incrédula e inteiramente feliz que se ouvia quando começamos a confirmar seu retorno em 2022. Neste mês, o Mirada – Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas retoma suas edições presenciais – depois de uma pausa de quatro anos por causa da pandemia – em dez dias de ocupação do Sesc e de vários espaços da cidade de Santos.

Para a feitura de um evento desse porte, há uma mobilização gigantesca de mãos, braços e cabeças. É bonito ver essa junção de pessoas, funcionários do Sesc, da cidade e de outras partes do estado, além de empresas contratadas, num grande esforço coletivo, trabalhando intensamente para que tudo fique pronto e tinindo para os dias do festival. É muito significativo para a cidade de Santos, que tem um histórico tão importante na cena teatral do país, receber essa caravana de mundos diferentes, com suas múltiplas vozes, trazendo tantas perspectivas. Diversos olhares e assuntos desembarcam a cada edição, provocando uma miríade de reflexões, sensações e reações.

Comecei a trabalhar no Sesc Santos em 2014 e, desde então, tive a oportunidade de me envolver de diferentes formas com o festival. Lá naquele ano, acompanhei a montagem e produção de uma exposição de coletivos de fotografia ibero-americanos, que ocuparam o Emissário Submarino com uma cidade de contêineres e, posteriormente, a área de convivência da unidade do Sesc com as imagens fruto dessa imersão na Baixada Santista. Depois, em outras edições, acompanhei montagens diversas no teatro do Sesc Santos, além da produção das atividades formativas. Presenciei outros festivais, em diferentes lugares, realizando intercâmbios e, por fim, participei da equipe de curadoria e coordenação executiva.

Durante todo esse tempo, pude testemunhar a relação de afeto que as pessoas têm com o festival – tanto o público, artistas e trabalhadores da cultura quanto outros envolvidos direta e indiretamente –, e o quanto esse período é esperado e desejado. Me recordo dos relatos de colegas e do público sobre como o Mirada mexia e revirava a rotina do Sesc Santos e o quanto esses dias movimentavam a cidade, trazendo novos ares, ideias, artistas e provocações de tantos lugares diferentes. Cada um tinha uma história que poderia render horas e horas de conversa. As impressões depois de um espetáculo, performance ou de outras atividades eram sempre contadas com os olhos brilhando, desvelando o quanto algo foi mobilizado por dentro.

Fecho os olhos e lembro a sensação de acompanhar uma peça, navegando em uma catraia (embarcação utilizada para transporte de passageiros) no meio do canal do porto, enquanto caía uma chuva fina. O público acomodado no barco, tão pequeno ao lado dos enormes navios, as luzes do porto à noite e a potência da atriz da Baixada Santista, de pé no meio desse mundo. Cada uma das memórias que o festival construiu, cada provocação que suscita e cada emoção que desperta vão perfazendo esse patrimônio incomensurável.

Penso que essa sazonalidade (quebrada pela pandemia, que ainda nos afeta de diversas maneiras), nos oferece, regularmente um alento de ventos latinos e lufadas ibéricas que trazem muitas miradas e proporcionam trocas imensas. E, principalmente, nos trazem, e nos deixam ver, a riqueza que é abarcar as existências de outrem e alargar o nosso mundo. É isto: estamos preparados para, mais uma vez, viver intensamente o que o Mirada ensaja! ■

RANI BACIL FUZETTO é graduada em psicologia, com especialização em história da arte. Funcionária do Sesc São Paulo, participou da coordenação do Mirada – Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas em 2018, e da coordenação executiva e curadoria do festival em 2021 e 2022.



Performance *Um*, do artista Mauricio Florez (Colômbia), apresentada na edição de 2018 do Mirada.

Foto: Bruno Quevedo



Sesctv

sesctv.org.br/feitotorto

"Feito
Torto PRA
FICAR
DIREITO"
a série

Adaptados a cada região, os barcos tradicionais em madeira são máquinas refinadas de navegar presentes na costa, nos rios e nas lagoas do Brasil. Em 10 episódios, a série retrata esse patrimônio naval tradicional em diferentes regiões.

ESTRÉIA DIA 14 DE SETEMBRO, 15h30

Apresentado por
Amyr Klink

Dirigido por
Bhig Villas Boas e Vanessa Leal

